



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL  
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS  
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**ERIC MARQUES COUTINHO OLIVEIRA**

**OS/AS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO LEEM E ESCREVEM?  
UM ESTUDO DE CASO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE (BA)**

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2024**

**ERIC MARQUES COUTINHO OLIVEIRA**

**OS/AS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO LEEM E ESCREVEM?  
UM ESTUDO DE CASO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE (BA)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação – Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre.

**SÃO FRANCISCO DO CONDE**

**2024**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da Unilab  
Catalogação de Publicação na Fonte

O46e

Oliveira, Eric Marques Coutinho.

Os/as estudantes do ensino médio leem e escrevem? Um estudo de caso em São Francisco do Conde (BA) / Eric Marques Coutinho Oliveira. - 2024.

62 f. : il., mapas, color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2024.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre.

1. Incentivo à leitura - São Francisco do Conde (BA). 2. Jovens - Livros e leitura - São Francisco do Conde (BA). 3. Leitura - Estudo e ensino - São Francisco do Conde (BA).

I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 028.5508142

**ERIC MARQUES COUTINHO OLIVEIRA**

**OS/AS ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO LEEM E ESCREVEM?  
UM ESTUDO DE CASO EM SÃO FRANCISCO DO CONDE (BA)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre (Orientadora)**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

**Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Raqueline de Almeida Couto**

Colégio Estadual Anna Junqueira Ayres Tourinho - CEAJAT

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, dono de toda sabedoria e autor da minha vida, por me ter me auxiliado neste desafio, concedendo-me os dons necessários para a conclusão deste trabalho. Aos meus queridos pais, Everaldo de Sena e Maria do Carmo Marques, por terem me incentivado ao estudo desde a minha tenra idade, sem dúvida, um apoio significativo. A toda minha família, que pacientemente compreendeu a minha ausência nos momentos de desenvolvimento deste trabalho. Também quero agradecer à UNILAB, instituição comprometida com um ensino de altíssima qualidade que tive a sorte de fazer parte. A Profa. Dra. Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre, que se dedicou a minha orientação com muita generosidade. A cada orientação eu me tornava um homem menos inculto por meio das suas valiosas contribuições. Enfim, sou grato a todos que, de alguma forma, tornaram esse caminho possível de ser trilhado por mim.

## RESUMO

Em um mundo grafocêntrico, muitos desafios impostos aos/às jovens estão ligados à sua capacidade de lidar com o código escrito. A leitura e a escrita são invenções de altíssimo impacto na sociedade e, na era digital, têm se apresentado em diversas modalidades. Tendo em vista a importância desse instrumento, é genuíno o questionamento sobre as práticas de letramentos dos/das jovens atualmente: “os/as alunos leem e escrevem?”. Ademais, se hipoteticamente a resposta for positiva, quais suportes e modalidades têm sido preferidos? Essa pesquisa se distingue das anteriores dedicadas às práticas de letramentos por investigar a leitura e a escrita de maneira mais ampla, levando em consideração aspectos digitais e analógicos. O objetivo é justamente identificar quais práticas de letramentos extraescolares estão presentes na vida social dos/das estudantes do ensino médio de São Francisco do Conde (BA). Para o desenvolvimento deste trabalho, utilizou-se um estudo bibliográfico, a fim de que a partir de uma sólida base teórica, pudesse ser realizada uma coleta de dados para obtenção de informações qualitativas e quantitativas. Em síntese, a pesquisa revela que os/as jovens leem e escrevem, porém, seus métodos de leitura e de escrita têm se apresentado de diferentes maneiras, havendo, assim, uma concomitância das práticas de letramentos analógicos e digitais.

**Palavras-chave:** incentivo à leitura - São Francisco do Conde (BA); jovens - livros e leitura - São Francisco do Conde (BA); leitura - estudo e ensino - São Francisco do Conde (BA).

## ABSTRACT

In a graphocentric world, many challenges imposed on young people are linked to your ability to handle the written code. Reading and writing are inventions that have a huge impact on society and, in the digital age, have become presented in different modalities. Considering the importance of this instrument, the question about the literacy practices of young people today is genuine: “do students read and write?” Furthermore, if hypothetically the answer is positive, which supports and modalities have been preferred? This research differs from previous ones dedicated to literacy practices by investigating reading and writing in a broader way, taking into account digital and analog aspects. The objective is precisely to identify which extracurricular literacy practices are present in the social lives of high school students in São Francisco do Conde (BA). To develop this work, a bibliographical study was used, so that, based on a solid theoretical basis, data collection could be carried out to obtain qualitative and quantitative information. In summary, the research reveals that young people read and write, however, their reading and writing methods have been presented in different ways, thus resulting in a concomitance of analogue and digital literacy practices.

**Keywords:** books and reading - São Francisco do Conde (BA); encouraging reading - São Francisco do Conde (BA); young people - reading - study and teaching - São Francisco do Conde (BA).

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Escala de proficiência do INAF (2018) .....	19
<b>Figura 2</b>	Foto fragmento de pesquisa.....	30
<b>Figura 3</b>	Folha de questão aplicada na pesquisa.....	31
<b>Figura 4</b>	Antiga faixa da escola CEAJAT .....	32
<b>Figura 5</b>	Nova Escola CEAJAT.....	32
<b>Figura 6</b>	Bairros do município de São Francisco do Conde .....	35
<b>Figura 7</b>	Fragmento da pesquisa (respondente X) .....	43
<b>Figura 8</b>	Fragmento da pesquisa (respondente Y) .....	43
<b>Figura 9</b>	Fragmento da pesquisa (respondente Z) .....	44
<b>Figura 10</b>	Preferência dos leitores pelo formato do livro, segundo a pesquisa <i>Retratos da leitura no Brasil</i> (2019).....	45
<b>Figura 11</b>	Recorte de escolaridade para a preferência do formato do livro, Segundo a pesquisa <i>Retratos da leitura no Brasil</i> (2019).....	46

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b>	Textos multimodais e seus respectivos suportes.....	27
<b>Tabela 2</b>	Tabulação dos dados .....	38
<b>Tabela 3</b>	Práticas de leitura e escrita .....	42
<b>Tabela 4</b>	Práticas de leitura .....	46
<b>Tabela 5</b>	Práticas de escrita .....	48
<b>Tabela 6</b>	Escrever comentários em aplicativos de interação online.....	48
<b>Tabela 7</b>	Interações pessoais digitais .....	51
<b>Tabela 8</b>	Práticas de Multiletramentos .....	54

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b>	Cidade onde nasceu.....	33
<b>Gráfico 2</b>	Bairro onde moram.....	34
<b>Gráfico 3</b>	Idade.....	36
<b>Gráfico 4</b>	Pertencimento étnico-racial.....	36
<b>Gráfico 5</b>	Gênero.....	37

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2</b>	<b>DIFERENÇAS E COMPLEMENTARIEDADES ENTRE LETRAMENTOS E ALFABETIZAÇÃO</b> .....	16
2.1	ESCOLA: LOCAL SOCIAL DE LETRAMENTO ESCOLAR.....	16
2.2	ALFABETIZAÇÃO PARA ALÉM DA CODIFICAÇÃO E DECODIFICAÇÃO.....	17
2.3	VIVÊNCIAS DE LETRAMENTOS FORA DO AMBIENTE ESCOLAR.....	22
<b>3</b>	<b>MULTILETRAMENTOS</b> .....	24
<b>4</b>	<b>CAMINHOS METODOLÓGICOS</b> .....	28
4.1	OBTENÇÃO DOS DADOS.....	29
4.2	FONTE DE OBTENÇÃO DOS DADOS.....	32
4.3	DESCRIÇÃO DA AMOSTRA.....	33
4.4	TABULAÇÃO DOS DADOS.....	38
<b>5</b>	<b>LETRAMENTOS SOCIAIS DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DO CEAJAT</b> .....	41
5.1	POR QUE DIZEM QUE OS ESTUDANTES NÃO LEEM E NÃO ESCREVEM?.....	41
5.2	OS ESTUDANTES LEEM? .....	45
5.3	OS ESTUDANTES ESCREVEM? .....	47
5.4	O QUE A PESQUISA DIZ SOBRE O MULTILETRAMENTOS?.....	52
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	56
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	61

## 1 INTRODUÇÃO

A sociedade, a cada dia, impõe com mais rigor a necessidade de que se tenha a máxima habilidade em lidar com a tecnologia da leitura e da escrita. Isso se dá em função de que leitura e escrita são práticas fundamentais em um mundo grafocêntrico, visto que os ambientes estão permeados de signos alfabéticos, e é por meio deles que a maioria das pessoas se orienta, se informa e se comunica.

Nos tempos modernos, o abecedário continua como protagonista em textos que compõem a comunicação, porém é crescente a concomitância entre signos alfabéticos e outras semioses em um enunciado. Dessa forma, vem à tona a urgência do domínio de diferentes linguagens, isto é, saber ler e escrever precisa ser pensado em um sentido mais abrangente, uma vez que textos multissemióticos estão cada dia mais presentes – não que eles não existissem antes, contudo, o advento da globalização, proporcionado pela era digital, vem acentuando novas formas de leitura e escrita.

É muito comum encontrar estudos que se dediquem à temática da leitura e da escrita entre os/as jovens no sentido mais convencional – em outras palavras, estudos que abordam a utilização do papel e da caneta, dos signos alfabéticos e, não raramente, dessa vivência ligada ao ambiente escolar. No entanto, a contribuição deste trabalho está voltada para a prática do ler e do escrever de maneira mais expandida, isto é, considerou-se investigar a experiência de leitura e escrita dos/as jovens de São Francisco do Conde (BA) em suas diversas formas (digitais e analógicas) e também em ambientes para além da sala de aula. Neste contexto, o intuito desse estudo é demonstrar quais práticas de letramentos os/as jovens estão vivenciando nos meios sociais nos quais eles/elas estão inseridos/as, e quais formas têm sido escolhidas com maior predominância.

O desenvolvimento desta pesquisa é justificado pela importância de descobrir quais práticas de letramentos extraescolares estão presentes na vida de jovens estudantes. Para isso, dois fatores preponderantes são considerados: primeiramente, o papel do letramento escolar como base para outras práticas de letramentos; em segundo lugar, um olhar atento à realidade em que eles/elas estão inseridos/as, isto é, um mundo cada vez mais globalizado, no qual estão tendo acesso a suportes analógicos e digitais e, por isso, estão desenvolvendo leitura e escrita de diferentes formas.

Partindo do princípio de que a escola é a agência de letramentos por excelência, é possível afirmar que o letramento escolar está presente na vida de jovens estudantes. A partir disso, o objetivo principal desse estudo científico é investigar os eventos de letramentos não escolarizados que têm impacto na vida social dos/as alunos/as, isto é, quais práticas de leituras e escritas têm se mostrado essenciais na vida deles/as. Nesse sentido, questiona-se: eles/elas leem e escrevem como os/as de antes liam? Ou ainda, quais suportes estão sendo mais ou menos utilizados para práticas de letramentos contemporâneas? Com o intuito de responder a tais questionamentos, o trabalho baseou-se em um referencial teórico de autores especialistas, desta maneira, foi possível sondar diferentes visões existentes sobre a temática proposta.

A partir do embasamento teórico, metodologicamente optou-se por um levantamento de dados quantitativo e qualitativo. Por meio de um estudo de caso, com a utilização de um questionário, foi possível coletar, tabular e analisar os dados, e dessa forma obter informações precisas acerca do objeto de estudo.

A fim de levar a cabo os objetivos desse estudo científico, para além da presente introdução, foram elaboradas seções, cujo propósito é demonstrar as principais escolhas teóricas e a construção empírica dessa pesquisa. Assim, na segunda seção, intitulada “**Diferenças e complementariedades entre letramentos e alfabetização**”, à luz do embasamento teórico, buscou-se inicialmente esclarecer, de maneira didática, a relação de interdependência existente entre os conceitos de alfabetização e letramento. Neste contexto, foi possível refletir sobre o papel da escola como uma agência de letramento significativa, isto é, buscou-se evidenciar o importante papel do letramento escolar como base para as vivências de outros eventos de letramentos sociais do alunado. Considerou-se também, refletir sobre a necessidade de que alunos/as transcendam o processo de codificação e decodificação das palavras, como meio de estarem preparados/as para as demandas sociais. Por fim, buscou-se discutir quais práticas de letramentos os/as alunos/as estão vivenciando fora do ambiente escolar e como as instituições de educação têm um papel preponderante para que essas vivências aconteçam de maneira eficaz.

Na seção terceira, intitulada “**Multiletramentos**”, a priori, buscou-se explicar esse conceito, trazendo à tona o duplo significado que o prefixo “multi” carrega consigo: multiplicidade cultural e multiplicidade semiótica. Destacou-se também como

o período da pandemia de COVID-19<sup>1</sup> impôs uma aceleração de práticas de multiletramentos na vida dos/das estudantes, a fim de ajudá-los/as em seus estudos, e sobretudo, como às práticas de multiletramentos extraescolares têm acontecido entre eles/elas atualmente.

A quarta seção traz a descrição dos **caminhos metodológicos** escolhidos para desenvolver a pesquisa. Em outros termos, nela está descrito o percurso da escolha do referencial teórico e o método traçado para que os dados fossem coletados, ou seja, por meio da aplicação de um questionário do qual originou-se o estudo de caso. Nessa parte do texto, destacou-se também os meios para elaboração do questionário supracitado, tendo em vista a necessidade de que ele fosse suficientemente eficaz para obtenção de informações qualitativas e quantitativas. Por fim, a seção quatro finaliza com a descrição da amostra por meio da inserção de gráficos com os dados sensíveis que revelaram o perfil dos/das respondentes.

A seção cinco, cujo tema é “**Letramentos sociais de estudantes de ensino médio do CEAJAT**”, debruça-se em analisar os dados. Nele encontram-se as informações quantitativas e qualitativas por meio das quais foi possível inferir respostas contundentes a questionamentos que movem este trabalho, entre elas pode-se citar: “**Por que dizem que os/as estudantes não leem e não escrevem?**”. Mediante a apresentação de tabelas, é possível aferir as práticas de letramentos digitais e analógicas vivenciadas pelos/as alunos/as com maior e menor frequência, isto é, nesta seção encontra-se um recorte das vivências de letramentos sociais dos/das respondentes. As análises das informações contidas nessa parte do texto reforçam ideias do senso comum sobre a temática, ao passo que surpreende ao revelar novas informações. Ademais, buscou-se analisar as práticas de multiletramentos presentes na vida dos/das estudantes de São Francisco do Conde, tendo em conta os aspectos da multiplicidade cultural dos/das respondentes, somados às práticas de letramentos digitais vivenciadas por meio da internet.

Na última seção, estão contidas as **considerações finais**. Nela, estão expostos, de modo geral, o que foi apreendido com a pesquisa. Desse modo, estão

---

<sup>1</sup> "A pandemia de covid-19 foi assim classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no mês de março de 2020, três meses após a identificação do primeiro caso da doença na cidade de Wuhan, no sudeste da China. O primeiro caso de covid-19 foi identificado no Brasil em fevereiro de 2020, e, quase três anos mais tarde, mais de 36 milhões de pessoas haviam sido infectadas, com 693 mil registros de óbito." Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/pandemia-de-covid-19.htm>. Acesso em: 15 jun. 2023.

descritas a importância da construção de uma boa fundamentação teórica e da utilização do método adequado para a natureza do trabalho, sobretudo nesta seção estão contidas as impressões daquilo que se esperava da pesquisa e o que realmente ela revelou.

## **2 DIFERENÇAS E COMPLEMENTARIEDADES ENTRE LETRAMENTOS E ALFABETIZAÇÃO**

Em um primeiro momento, é necessário entender letramento e alfabetização como processos distintos e, ao mesmo tempo, complementares. Metaforicamente falando, pode-se compará-los a duas equipes diferentes que sempre jogam juntas e nunca em posições opostas. Deste modo, a alfabetização consiste na apropriação dos códigos de uma língua, pela qual o indivíduo aprende a codificar e a decodificar as palavras e textos. Ao passo que os letramentos equivalem ao uso social da leitura e escrita. Para que se entenda o sentido de complementariedade, pode-se pensar a alfabetização como meio para o alcance de diferentes níveis de letramentos.

### **2.1 ESCOLA: LOCAL SOCIAL DE LETRAMENTO ESCOLAR**

Dadas as informações acima, é fundamental uma reflexão acerca do ambiente escolar como lugar comum de acesso à alfabetização e práticas de letramentos. Segundo Mortatti (2008, p. 93), “a escola se consolidou, então, como um lugar institucionalizado para preparo das novas gerações, prometendo acesso de todos à cultura letrada, por meio do aprendizado da leitura e escrita”. Em outras palavras, para o autor, o ambiente escolar é um espaço social de alta relevância para transmissão do saber em um mundo grafocêntrico como o de hoje. Avançando nesta linha de pensamento, Rojo (2009, p. 35) complementa a ideia ao garantir que “podemos afirmar com segurança que a escola é a principal agência alfabetizadora e que a alfabetização, enquanto processo de ensinar a ler e a escrever, é uma típica prática de letramento escolar”. Desse modo, torna-se possível concluir também que o processo de leitura e de escrita aprendido no ambiente institucional é um tipo de letramento entre tantos outros, contudo, é importante que se diga que tal modelo funciona como instrumento facilitador para o alcance de outras formas de letramentos, daí a importância do ambiente escolar como principal meio para a inserção do indivíduo na cidadania, em meio a uma sociedade cada vez mais exigente em diferentes letramentos.

Seguindo sobre a questão da responsabilidade escolar no processo de letramento do indivíduo, pode-se atestar que “a escrita (enquanto manifestação formal do letramento), em sua faceta institucional, é adquirida em contextos formais: na

escola” (Marcuschi, 2010, p.18). Desta forma, faz-se necessária uma reflexão mais profunda sobre a importância da escola como ambiente potencializador de práticas de letramentos sociais, afinal, “uma vez que, a escrita é instrumento de diferentes formas de letramentos” (Marcuschi, 2001), pode-se deduzir obviamente que, caso a instituição de ensino seja ineficaz em promover o letramento escolar, conseqüentemente, haverá maiores possibilidades de o aluno encontrar alguma dificuldade em participar de eventos de letramentos sociais.

Ainda neste sentido, de acordo com Rojo (2009, p.107), “um dos objetivos principais da escola é proporcionar que seus alunos possam participar das várias práticas sociais que se utilizam de leitura e escrita (letramento) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática”. A autora parece utilizar “cidade” como termo genérico, uma vez que as cidades são locais de muitos eventos de letramentos, contudo, em um mundo globalizado como o nosso, eventos de letramentos são muito presentes em todos os tipos de lugares. Para além desta observação, a autora assegura que é missão da escola formar pessoas capazes de utilizar a leitura e a escrita em diversos contextos sociais.

Para o INAF/2018 (Indicador de Alfabetismo Funcional), “a escolaridade mais uma vez se confirma como o principal fator explicativo da condição de Alfabetismo” (2018, p.10). Levando em consideração que o processo de alfabetização no geral acontece na escola, e que o letramento escolar é um canalizador para outras formas de letramento, é possível afirmar que, quanto maior o grau de alfabetismo do indivíduo, maior é a chance de participação do estudante em diferentes práticas de letramentos.

## 2.2 ALFABETIZAÇÃO PARA ALÉM DA CODIFICAÇÃO E DECODIFICAÇÃO

Propor que o aluno alfabetizado permaneça apenas no domínio da codificação e decodificação de textos, significa propor um processo de alfabetização mitigado, muito aquém das demandas sociais as quais ele terá oportunidade de vivenciar. A grande questão que se coloca é a seguinte: o quão preparado para práticas sociais de letramentos ele está? Ou ainda, a escola tem contribuído para letrá-lo ou apenas para alfabetizá-lo?

Em seu livro *Letramento Múltiplos, escola e inclusão social*, a autora Roxane Rojo, depois de analisar dados de alguns indicadores de leitura e de escrita aqui no Brasil, externa a seguinte preocupação:

Como alunos de relativamente longa duração de escolaridade puderam desenvolver capacidades leitoras tão limitadas? A que práticas de leitura e propostas de letramentos estiveram submetidos por cerca de dez anos? A que texto e gênero tiveram acesso? (Rojo, p.35-36, 2009)

Desta maneira, isso pode significar que, embora os alunos estejam tendo certo grau de alfabetismo capaz de proporcionar-lhes a experiência da decodificação alfabética e da numeração, a escola pode estar falhando em oferecer práticas de letramentos insuficientes, afinal “letrar é mais que alfabetizar” (Soares, 2004, p. 15).

Segundo o INAF, baseado em sua tabela de proficiência, apenas 45% das pessoas que chegam ao Ensino Médio possuem os dois níveis mais altos da escala (intermediário e proficiente) de alfabetismo. Com isto, o instituto afirma que mesmo frequentando o Ensino Médio, mais da metade dos estudantes não são habilitados para fazer uso da leitura e escrita em todos eventos de letramentos do cotidiano.

**Figura 1 - Escala de proficiência do INAF (2018)**

<b>Quadro 3 - Escala de proficiência</b>	
<b>Grupos</b>	<b>Escala especial para estudo Alfabetismo e mundo do trabalho</b>
<b>Analfabeto</b>  ( $0 < x \leq 50$ )	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Corresponde à condição dos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvem a leitura de palavras e frases ainda que uma parcela consiga ler números familiares (de telefone, preços etc.).</li> </ul>
<b>Rudimentar</b>  ( $50 < x \leq 95$ )	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Localiza uma ou mais informações explícitas, expressas de forma literal, em textos muito simples (calendários, tabelas simples, cartazes informativos) compostos de sentenças ou palavras que exploram situações familiares do cotidiano doméstico.</li> <li>▪ Compara, lê e escreve números familiares (horários, preços, cédulas/moedas, telefone) identificando o maior/menor valor.</li> <li>▪ Resolve problemas simples do cotidiano envolvendo operações matemáticas elementares (com ou sem uso da calculadora) ou estabelecendo relações entre grandezas e unidades de medida.</li> <li>▪ Reconhece sinais de pontuação (vírgula, exclamação, interrogação etc.) pelo nome ou função.</li> </ul>
<b>Elementar</b>  ( $95 < x \leq 119$ )	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Seleciona uma ou mais unidades de informação, observando certas condições, em textos diversos de extensão média realizando pequenas inferências.</li> <li>▪ Resolve problemas envolvendo operações básicas com números da ordem do milhar, que exigem certo grau de planejamento e controle (total de uma compra, troco, valor de prestações sem juros).</li> <li>▪ Compara ou relaciona informações numéricas ou textuais expressas em gráficos ou tabelas simples, envolvendo situações de contexto cotidiano doméstico ou social.</li> <li>▪ Reconhece significado de representação gráfica de direção e/ou sentido de uma grandeza (valores negativos, valores anteriores ou abaixo daquele tomado como referência).</li> </ul>
<b>Intermediário</b>  ( $119 < x \leq 137$ )	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Localiza informação expressa de forma literal em textos diversos (jornalístico e/ou científico) realizando pequenas inferências.</li> <li>▪ Resolve problemas envolvendo operações matemáticas mais complexas (cálculo de porcentagens e proporções) da ordem dos milhões, que exigem critérios de seleção de informações, elaboração e controle em situações diversas (valor total de compras, cálculos de juros simples, medidas de área e escalas);</li> <li>▪ Interpreta e elabora síntese de textos diversos (narrativos, jornalísticos, científicos), relacionando regras com casos particulares com o reconhecimento de evidências e argumentos e confrontando a moral da história com sua própria opinião ou senso comum.</li> <li>▪ Reconhece o efeito de sentido ou estético de escolhas lexicais ou sintáticas, de figuras de linguagem ou sinais de pontuação.</li> </ul>
<b>Proficiente</b>  ( $>137$ )	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Elabora textos de maior complexidade (mensagem, descrição, exposição ou argumentação) com base em elementos de um contexto dado e opina sobre o posicionamento ou estilo do autor do texto.</li> <li>▪ Interpreta tabelas e gráficos envolvendo mais de duas variáveis, compreendendo elementos que caracterizam certos modos de representação de informação quantitativa (escolha do intervalo, escala, sistema de medidas ou padrões de comparação) reconhecendo efeitos de sentido (ênfases, distorções, tendências, projeções).</li> <li>▪ Resolve situações-problema relativos a tarefas de contextos diversos, que envolvem diversas etapas de planejamento, controle e elaboração, que exigem retomada de resultados parciais e o uso de inferências.</li> </ul>

Fonte: INAF (2018, p. 21).

Para encontrar uma resposta sobre quais aptidões necessárias o aluno deve adquirir no ambiente escolar para *apenas* ser capaz de decodificar/codificar, pode-se elencar, conforme Rojo (2009):

- Compreender diferenças entre escrita e outras formas gráficas (outros sistemas de representação);
- Dominar as convenções gráficas;
- Conhecer o alfabeto;
- Compreender a natureza alfabética do nosso sistema de escrita;
- Dominar as relações entre grafemas e fonemas;
- Saber decodificar palavras e textos escritos;
- Saber ler reconhecendo globalmente as palavras.

Já a capacidade de compreensão textual exige elementos mais sofisticados, que, por sua vez, ajudam o indivíduo a uma vivência mais plena dos eventos de letramento impostos pela sociedade. Conforme a mesma autora, entende-se tais capacidades como:

- Ativação de conhecimento de mundo;
- Antecipações ou predição de conteúdo ou de propriedade dos textos;
- Checagem de hipóteses;
- Localização e/ou retomada de informações;
- Comparações de informações;
- Generalizações;
- Produção de inferências locais e produção de inferências globais.

Desse modo, quando são comparados os dois conjuntos de atributos acima, pode-se reafirmar, uma vez mais, que o conceito de alfabetização difere do de letramento, sem deixar de estarem estritamente interligados.

Aprofundando um pouco mais sobre a reflexão do papel da escola e dos letramentos sociais, Rojo (2009, p.42) menciona dados do (INAF) a fim de reafirmar umas das missões da educação escolar que consiste, entre tantas outras, em produzir “a capacidade de acessar e processar informações escritas como ferramenta para enfrentar as demandas do cotidiano”. Em outras palavras, é fundamental que as instituições escolares trabalhem rigorosamente para proporcionar uma base sólida no que diz respeito ao processo de letramento escolar dos educandos. A autora ainda sugere que “...não basta conhecer o alfabeto e decodificar letras e sons da fala. É

preciso também compreender o que se lê, isto é, acionar o conhecimento de mundo” (Rojo, 2009, p.44). Ou seja, somente a transmissão mecânica da leitura e da escrita não cumprem plenamente a incumbência das escolas com o indivíduo, é necessário conferir significado à prática. Sobre essa necessidade de “acionar o conhecimento de mundo”, semelhantemente, discorre Paulo Freire ao expressar que:

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. (Freire, 2011, p. 30)

Em outros termos, o que se pretende demonstrar é o seguinte: como forma de instrumento de estado, a escola é um ambiente específico para que ocorra o processo de alfabetização, contudo, há uma grande necessidade de que os educadores unam o processo de ensino da codificação e da decodificação ao conhecimento de mundo do educando. Paraphraseando Freire, todo indivíduo já chega à instituição de ensino com uma bagagem cheia de leituras referentes ao meio social ao qual ele está inserido. Deste modo, é fundamental que a escola utilize letramentos que estão **além da vida** escolar, à medida que também ofereça instrumentos suficientes para que o aluno lance mão de outros letramentos que certamente terá acesso em contextos sociais durante a vida.

Contudo, como se daria isso de forma prática? Quais seriam, então, os caminhos para a união do processo técnico de alfabetizar com o processo social de letrar? O próprio Freire (2011) expressa um meio para alcançar tal propósito:

Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares, expressando a sua real linguagem, os seus anseios, as suas inquietações, as suas reivindicações, os seus sonhos. Deveriam vir carregadas da significação de sua experiência existencial e não da experiência do educador. (Freire, 2011, p.13)

Nessa perspectiva citada acima, faz-se necessário um trabalho de letramento utilizando-se elementos de fora para dentro, usufruindo então “do universo vocabular dos grupos populares” (Freire, 2011, p.30). Ainda nas palavras de Freire (2011, p.41), “o comando da leitura e da escrita se dá a partir de palavras e de temas significativos à experiência comum dos alfabetizandos e não de palavras e de temas apenas ligados à experiência do educador”.

### 2.3 VIVÊNCIAS DE LETRAMENTOS FORA DO AMBIENTE ESCOLAR

É importante que se faça o questionamento a respeito de quais modalidades de *letramentos* o letramento escolar está servindo de base para eventos sociais da leitura e escrita dos alunos? Quais práticas eles buscam vivenciar de acordo com as agências de letramentos que eles têm acesso?, E quais eventos estão presentes na sua cultura de forma ordinária?.

Mesmo que a inclusão em um mundo grafocêntrico se apresente em diferentes camadas, pode-se dizer que, no geral, os alunos estão presentes nele, afinal, “ela [a escrita] se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia a dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno”. (Marcuschi, 2001, p.16). Sendo assim, se apropriar de diferentes níveis de letramentos é uma questão quase que necessária para a inserção cidadã.

Para começar a responder os questionamentos expostos anteriormente, vale destacar primeiro que, além da escola, existem inúmeras outras agências de letramentos: mídias, igrejas, rua, comércio, agência bancária, tecnologia digitais de informações e comunicação, entre outras. Por meio delas, alunos utilizam sistemas de signos com letras e com outras linguagens para vivências sociais.

O primeiro exemplo a ser exposto é a esfera religiosa. Nela é observada que parte dos alunos se dedicam muito mais às leituras oferecidas pelo contexto religioso do que pelo escolar. É possível também observar práticas de letramentos que envolvem o canto, o teatro e até o uso da oratória com muita fluidez dentro dos templos. Sobre este assunto, Rojo (2009, p.51) comenta: “Além disso, o fato de as pessoas declararem possuir livros didáticos, mas lerem a Bíblia e livros religiosos mostra que a esfera religiosa, em termos de letramentos, ganha “de goleada” da esfera educacional”.

Um segundo exemplo a ser dado é a forma como jovens, que ainda estão em formação escolar, conseguem lidar com o dinheiro em seus aplicativos bancários. Ao usar o Pix<sup>2</sup>, fazem uso da leitura e da escrita para as transações, conseguem

---

<sup>2</sup> Pix: “é o pagamento instantâneo brasileiro. O meio de pagamento criado pelo Banco Central (BC) em que os recursos são transferidos entre contas em poucos segundos, a qualquer hora ou dia.”. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/pix>. Acesso em: 1 jun. 2023.

facilmente lidar com modelo de QR code<sup>3</sup> e, dessa forma, conseguem dar uma resposta com muita fluidez à demanda dessa nova prática de letramento comercial.

Ambos os exemplos acima certamente não são vivenciados na escola. Contudo, a influência do letramento escolar é inegável nestas práticas. Outra característica em comum é que ambos são considerados formas de letramentos **dominantes** (ROJO, 2009), isto é, os que estão ligados a instituições, mas existem os **vernaculares** (ROJO, 2009), aqueles que surgem a partir da cultura de um local.

Especificamente sobre letramentos vernaculares, podemos destacar as batalhas de rimas que jovens “travam” em praças públicas, denominados de “slam”. Tal evento de letramento consiste em uma prática de emissão de rimas em versos no ritmo de hip-hop por duas ou mais pessoas. O conteúdo dos versos pode passear por inúmeras temáticas, mas geralmente são assuntos do contexto sociocultural dos envolvidos.

---

<sup>3</sup> “QR Code é um código de barras bidimensional, cuja sigla QR, vem do termo em inglês Quick Response Code, traduzido em português como Resposta Rápida. Sendo assim, o QR Code possui muito mais informações que o código de barras comum.” Disponível em: <https://codigosdebarrasbrasil.com.br/qr-code/>. Acesso em 01 de junho de 2023.

### 3 MULTILETRAMENTOS

Seria demasiado extenso falar de todas as práticas de letramentos os quais os estudantes vivenciam fora do ambiente institucional. Nesse sentido, autores como Rojo (2009) preferem referir-se a “letramentos múltiplos”, a fim de contemplar a diversidade de práticas sociais que contemplam a leitura e a escrita.

Aprofundando um pouco mais faz-se necessário falar sobre as suas vivências voltadas aos multiletramentos. Um termo relativamente novo, o multiletramento se apoia em duas grandes características: a multiplicidade cultural, em função da qual um determinado texto não está mais encerrado em grupos específicos, pelo contrário, através da internet, ele se torna acessível a pessoas de diversas culturas; e a multiplicidade semiótica, isto é, em um único texto, encontramos várias modalidades de linguagem ao mesmo tempo (imagem, música, áudios, etc.). Rojo e Moura (2012) trazem a distinção entre letramentos múltiplos e multiletramentos:

Diferentemente do conceito de letramento (múltiplos), que não faz senão apontar para a multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não nas sociedades em geral, o conceito de multiletramentos – é bom enfatizar – aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica (Rojo; Moura, 2012, p. 13).

Antes de mencionar quais multiletramentos os alunos estão vivenciando nos meios extraescolares, cabe destacar como o período mais intenso da pandemia de COVID-19<sup>4</sup> impôs uma aceleração de práticas de multiletramentos na escola. A suspensão das aulas presenciais por um longo período foi um gargalo que exigiu uma resposta imediatista a fim de minimizar os impactos negativos que a pandemia gerou à educação. Uma vez que os alunos não poderiam ir às escolas, a utilização de plataformas como Zoom, Google Meet, Google Classroom, Facebook e Whatsapp foram utilizadas a exaustão.

---

<sup>4</sup> "A pandemia de covid-19 foi assim classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no mês de março de 2020, três meses após a identificação do primeiro caso da doença na cidade de Wuhan, no sudeste da China. O primeiro caso de covid-19 foi identificado no Brasil em fevereiro de 2020, e, quase três anos mais tarde, mais de 36 milhões de pessoas haviam sido infectadas, com 693 mil registros de óbito." Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/pandemia-de-covid-19.htm>. Acesso em 15 de junho de 2023.

É inquestionável que houve, aqui no Brasil, uma desproporcionalidade de acesso a essas plataformas digitais, isto é, grupos sociais de menor poder econômico não tiveram acesso à internet, ou a tiveram com qualidade insuficiente para um aprendizado de qualidade, somado a isto, muitas famílias não possuíam um suporte digital adequado para que os alunos pudessem estudar. Neste contexto, não era difícil encontrar domicílios nos quais três ou mais crianças dividiam apenas um smartphone durante acompanhamento das aulas. Se contrapondo à realidade anterior mencionada, os alunos que tiveram a oportunidade de um acesso à internet com qualidade deram um salto no mundo dos multiletramentos. Rompendo com o formato mais habitual do letramento escolar que proporciona muitas horas de contato com signos alfabéticos, essas plataformas levaram jovens e adultos a terem o contato com multimodalidades de textos em uma única aula. Entre tantas linguagens, podemos citar o chat de interação através de textos, a mensagem de voz, os vídeos, as imagens paradas ou em movimento, além dos novos métodos de leitura multilinear proporcionado pelos hipertextos por meio do uso de hiperlink. Sobre essa prática leitora, esclarece-nos Santaella (2008):

O hipertexto é eminentemente interativo. O leitor não pode usá-lo de modo reativo ou passivo. Ao final de cada página ou tela, é preciso escolher para onde seguir. É o usuário que determina que informação deve ser vista, em que sequência ela deve ser vista e por quanto tempo. Quanto maior a interatividade, mais profunda será a experiência de imersão do leitor, imersão que se expressa na sua concentração, atenção e compreensão da informação. (Santaella, 2008, p. 56)

Se antes os alunos estavam acostumados à linearidade dos textos impressos, com os hipertextos há uma dinamicidade, em que o leitor faz a escolha do caminho da sua própria leitura.

Até este ponto, foram exemplificados modelos de letramentos (escolares e sociais), e também sobre o âmbito da expansão do multiletramento no ambiente escolar durante a pandemia. Resta exemplificar, como práticas de multiletramentos estão sendo experienciadas de forma extraescolar.

Vale destacar que a experiência do multiletramento não está ligada somente à tecnologia digital. Por exemplo, é muito comum um jovem que passou por letramento escolar facilmente conseguir ter uma experiência de uma leitura multimodal por meio de uma revista de venda de cosmético. Tal objeto traz consigo figuras, diagramação, signos do alfabeto e numeração, tudo em um único suporte, ou seja, ele foi capaz de

ler um texto multissemiótico. Porém, é imperioso dizer que as experiências de multiletramentos estão se acentuando com o crescimento tecnológico, “[...] essa juventude – nossos alunos – contava já há quinze anos com outras e novas ferramentas de acesso à comunicação e à informação e de agência social, que acarretavam novos letramentos, de caráter multimodal ou multissemiótico”. (Rojo, 2012, p. 13). Se em 2012 a autora já se expressava sobre o uso do multiletramento utilizados pelos jovens, mais de dez anos após, é possível dizer que essa forma de comunicação só vem se intensificando.

Em um primeiro exemplo, pode-se pensar sobre o *story do Instagram*<sup>5</sup>. Um jovem resolve fazer uma postagem de sua própria foto, a fim de transmitir uma mensagem (texto imagético), porém ele acrescenta uma frase a sua foto (signo alfabético), ainda acrescenta uma emoji<sup>6</sup> com o desenho de carinha feliz (signo não gráfico), por fim, ele acrescenta uma música internacional para ser ouvida durante a transmissão da foto. Ao postar na internet, ele estabelecerá uma relação de comunicação multiletrada. Em uma única postagem, estabeleceu-se à multiplicidade semiótica da construção do texto, mas também uma multiplicidade cultural, pelo uso da internet que expande o texto para muitos lugares (Rojo, 2012).

Para uma maior compreensão, Rojo (2013) apresenta um quadro exemplificativo de textos multimodais e de seus respectivos suportes. É muito fácil associar os multiletramentos expostos abaixo com o cotidiano de jovens fora do ambiente escolar:

---

<sup>5</sup> “Instagram é uma rede social visual, criativa e interativa. Possibilita o compartilhamento de imagens e vídeos de curta duração diretamente do aplicativo de celular. Nele, também é possível seguir usuários, curtir, comentar e compartilhar as publicações.” [...] “Um estudo realizado pela Socialbakers, mostrou que o Instagram é a rede social líder em termos de audiência global. E uma pesquisa feita pelo Sproutsocial revelou que 90% dos usuários seguem a conta de uma loja ou de uma marca na plataforma.” Disponível em <https://www.nuvemshop.com.br/blog/o-que-e-instagram/>. Acesso em 01 de junho de 2023.

<sup>6</sup> “Emoticon é a junção das palavras inglesas *emotion* (emoção) e *icon* (ícone). Consiste em símbolos tipográficos usados em conjunto para formar figuras que ajudem a simular emoções humanas, como a tristeza ou a alegria, por exemplo. A criação do primeiro emoticon é atribuída ao professor Scott Fahlman, da Universidade Carnegie Mellon. Em 1982, ele usou pela primeira vez uma sequência de símbolos que formaram o seguinte emoticon: :-). Por outro lado, os emojis foram criados no Japão durante a década de 1990. O responsável pela concepção dessas imagens foi Shigetaka Kurita, que desenvolveu um conjunto de figuras ilustrando alguns tipos básicos de emoções humanas. Diferente dos emoticons, os emojis podem ser mais complexos, deixando de ser apenas caracteres especiais e passando a representar desenhos mais sofisticados. O primeiro emoji foi criado em 1995 e consistia na imagem de um coração.” Disponível em: <https://www.significados.com.br/emojis-emoticons/>. Acesso em 01 de junho de 2023.

**Tabela 1** - Textos multimodais e seus respectivos suportes

Suporte Tecnológico	Textos multimodais
<b>Multiletramentos nos impressos</b>	Jornal, revista, charges, história em quadrinhos, publicidade.
<b>Hipermídia baseada em escrita</b>	Mini e hiperconto, poemas visuais ou digitais, <i>blogs</i> , <i>wiki</i> , <i>fanfics</i> , ferramentas de escrita colaborativa etc.
<b>Hipermídia baseada em áudio</b>	<i>Podcast</i> , rádios ( <i>blog</i> ), ( <i>fan</i> )clips etc.
<b>Hipermídia baseada em design</b>	Animação, <i>games</i> , arte digital etc.
<b>Hipermídia baseada em fotos</b>	<i>Phototoshoping</i> , <i>fatologs</i> , animações, fotonovela digitais etc.
<b>Hipermídia baseada em vídeo</b>	<i>Videologs</i> , <i>remixes</i> , <i>mashups</i> , ( <i>fan</i> )clips etc.
<b>Redes sociais</b>	Facebook, Twitter etc
<b>Ambientes educacionais</b>	AVA, portais etc.

Fonte: adaptado de Rojo (2013, p. 9).

Por mais que sistemas de comunicação analógicas ainda existam, há uma maior escalada para o uso da comunicação multiletrada bastante evidenciada. Muitos alunos talvez tenham dificuldade de seguir o passo a passo de um atendimento telefônico à moda antiga, contudo conseguem perfeitamente se comunicar com qualquer empresa utilizando as multimodalidades presentes no Whatsapp.

## 4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Com a intenção de analisar quais eventos de letramentos estão presentes na vida dos jovens do ensino médio fora do ambiente escolar, esta pesquisa científica foi baseada em um estudo de caso realizado com estudantes de escola pública estadual.

Iniciei meus trabalhos lendo autores renomados, a fim de que eu pudesse ter um direcionamento para a construção da pesquisa. Por meio desses autores e de suas obras, eu pude encontrar material que fizesse sentido à minha investigação. Dentre as leituras escolhidas, gostaria de destacar principalmente Paulo Freire (Educador e filósofo), Luiz Antônio Marcuschi (Linguista), Magda Soares (Linguista) e Roxane Rojo (Linguista). Essa última, sem dúvida, contribuiu de forma significativa para que eu chegasse ao entendimento de vários conceitos no campo dos letramentos. Ademais, me dediquei com muito afinco a analisar os dados da pesquisa do INAF (Indicador de Alfabetismo Funcional) do ano de 2018. Por meio desse estudo, tive acesso a dados bastante relevantes, os quais, de certa forma, complementaram muitas ideias encontradas nas obras dos autores supracitados.

Diante do volume de leitura a serem realizadas e juntamente com a necessidade de organizar as melhores ideias e os melhores conceitos contidos nos materiais, optei por usar o método fichamento bibliográfico. Tive o cuidado de organizar cada citação de forma sinalizada, ou seja, descrevendo a obra o autor e a página de cada trecho fichado. Tal organização, que parece ser algo simplório, mostrou-se um grande facilitador na construção do embasamento teórico desta pesquisa.

O passo seguinte ao fichamento foi exatamente a construção da minha fundamentação teórica, isto é, nessa etapa do trabalho me dediquei a concatenar as diferentes posições dos autores acerca da temática proposta. Em um segundo momento, alinhei as ideias dos autores ao meu próprio texto e conseqüentemente as minhas próprias ideias. Para o melhor entendimento, devo dizer que a construção dessa parte do enunciado foi “costurada” a partir do uso de citações das obras dos autores mencionados e, obviamente, por se tratar de tema novo a ser pesquisado, foi necessário fazer muitos recortes teóricos de vários trechos retirados de contextos maiores. Por fim, depois de “alinhar” as citações às minhas próprias ideias, obtive um referencial teórico de base confiável e fundamentado em especialistas de notório saber na área da Linguagem.

De maneira concisa posso afirmar que, os resultados das etapas de leitura, fichamento e da construção teórica foram essenciais para a ampliação do meu conhecimento sobre campo de estudo dos letramentos, mas não só isso, foram fundamentais para o amadurecimento das minhas ideias sobre a minha própria pesquisa, e conseqüentemente me direcionaram para a formulação das fases subsequentes, inclusive a etapa de coleta e análise e interpretação dos dados.

#### 4.1 OBTENÇÃO DOS DADOS

Para obtenção dos dados elaborei um questionário para ser utilizado como instrumento de pesquisa. Para fazê-lo, me baseei na obra de Roxane Rojo “**Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**” (2009). No livro da renomada autora, ela propõe uma lista com inúmeros eventos de letramentos a serem escolhidos por um hipotético respondente. Como a sua obra data do ano de 2009, optei por adaptar o questionário incluindo práticas de letramentos atuais, e excluindo outras que sabidamente já caíam em desuso.

Neste ponto, escolhi elaborar um formato de questionário, cujas respostas pudessem ser analisadas a partir de uma perspectiva complementarmente quantitativa e qualitativa da minha pesquisa. Para uma melhor compreensão da minha escolha, nos diz Malhotra (2001, p.155), “a pesquisa qualitativa proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto do problema, enquanto a pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplica alguma forma da análise estatística”.

O questionário aplicado tinha listado diversas **categorias** de eventos de letramentos. Desse modo, os alunos foram convidados a responder, ao lado de cada um desse eventos, a frequência com que eles vivenciavam cada um deles. Para que suas respostas fossem mais precisas, eles utilizaram uma legenda que continha as opções de frequências: “**muitas vezes ao dia**”, “**todo dia**”, “**uma vez por semana**”, “**uma vez por mês**”, “**quase nunca**” e “**nunca**”. Isto é, para cada categoria, eles escolheram uma frequência correspondente, conforme as suas vivências pessoais.

Um terceiro elemento foi acrescentado ao questionário, isto é, um campo de “observação” ao lado de cada categoria. Por meio dele, os respondentes puderam acrescentar qualquer informação a qual eles julgassem pertinente a respeito de alguma categoria. Por exemplo, na **categoria “enviar e receber e-mail”**, o respondente escolheu escrever a **frequência “todo dia”**, sendo que optou por

acrescentar uma frase no campo de **observação** “e-mail de vagas de emprego” deixando claro a finalidade do evento de letramento que ele vivenciava diariamente. O preenchimento do campo “observação” não era obrigatório, no entanto, as informações acrescentadas serviram de para a análise qualitativa.

**Figura 2** - Foto fragmento de pesquisa

8	Enviar e receber e-mails	Todo dia	envio de vagas de emprego
9	Audiobook (textos sonoros)	quando	

Fonte: elaboração própria.

Por fim, acrescentei na folha de questão um cabeçalho com a finalidade para ser preenchido com elementos importantes como: idade, série escolar, cidade onde nasceu, bairro no qual residia, pertencimento étnico-racial e gênero.

**Figura 3 - Folha de questão aplicada na pesquisa**

Idade _____	Série _____	Cidade onde nasceu _____	Bairro onde reside _____
Pertencimento étnico-racial _____		Gênero _____	

Dessas atividades, quais você costuma fazer? Use a legenda:  
*(muitas vezes ao dia), (todo dia), (uma vez por semana), (uma vez por mês), (quase nunca), (nunca).*

	Atividades	Frequência	Observação
1	Fazer listas de coisas que precisa fazer		
2	Fazer lista de compra		
3	Usar agenda para marcar compromissos		
4	Usar agenda virtual para marcar compromissos		
5	Deixar bilhetes com recado para alguém de casa		
6	Usar aplicativo de troca de mensagem		
7	Escrever cartas para amigos e familiares		
8	Enviar e receber <i>e-mails</i>		
9	Audiobook (textos sonoros)		
10	Ouvir podcast		
11	Preencher currículo online		
12	Montar seu próprio currículo		
13	Verificar a data de vencimento do produto que compra		
14	Comparar preços de produtos antes de comprar		
15	Pagar contas em bancos por aplicativo		
16	Pagar contas em bancos, casas lotéricas		
17	Fazer depósito ou saque em caixa eletrônico		
18	Ler manuais		
19	Ler rótulo de produtos		
20	Ler bula de remédio		
21	Ler textos na internet (jornais, blogs etc.)		
22	Escrever histórias, poesias ou letras de música (de sua autoria)		
23	Escrever comentários em aplicativos de interação online		
24	Postagem com textos imagéticos e escrito (story/status)		
25	Jogos com interação online		
26	Fazer compras pela internet		
27	Aulas online		
28	Curso online		
29	Aplicativo de rota de viagem (GPS, Waze...)		
30	Chat GPT		
31	Ler livros de papel		
32	Pegar ônibus sozinho, fora da sua cidade		
33	Pedir carro por aplicativo		

Fonte: elaboração própria.

## 4.2 FONTE DE OBTENÇÃO DOS DADOS

A fonte de obtenção dos dados deu-se por meio de um estudo de caso realizado na Colégio Estadual do Campo de Tempo Integral Anna Junqueira Ayres Tourinho<sup>7</sup> que no momento da pesquisa ano de 2023 estava localizada na Rua do Asfalto, no distrito de Mataripe no bairro do Caipe, na cidade de São Francisco do Conde – BA, e no final do mesmo ano foi realocada para uma nova sede no mesmo bairro, na avenida Milton Bahia Ribeiro. A instituição nasceu em 1998 no bairro Pintangueira na mesma cidade, mas somente no ano 2009 ela migra para o Caipe com o objetivo de atender à demanda de alunos oriundos do distrito de Mataripe que por sua vez abarca os bairros de Socorro, Muribeca, Santo Estevão, Caipe acolhendo também os estudantes da Ilhas do Paty e da Ilha das Fontes. Hoje a escola apresenta em média 700 estudantes matriculados.

**Figura 4** - Antiga faixada da escola CEAJAT



Fonte: acervo da escola CEAJAT.

**Figura 5** - Nova Escola CEAJAT



Fonte: acervo da escola CEAJAT.

Tendo um questionário muito bem elaborado em mãos, o próximo passo dado foi a sua efetiva aplicação, por isso, no dia 10 de setembro de 2023 apresentei o questionário a três turmas do segundo ano do ensino médio, todas pertencentes ao período matutino do CEAJAT. A princípio, lhes expliquei a natureza do trabalho, isto é, disse-lhes que se tratava de uma pesquisa universitária e o quanto a contribuição deles era importante para ajudar a fomentar o conhecimento.

Com o propósito de ter um resultado mais satisfatório, antes da aplicação fiz uma explanação a respeito do conceito de letramento a fim de que eles se familiarizassem mais com a proposta, em seguida, eu os orientei de como deveriam

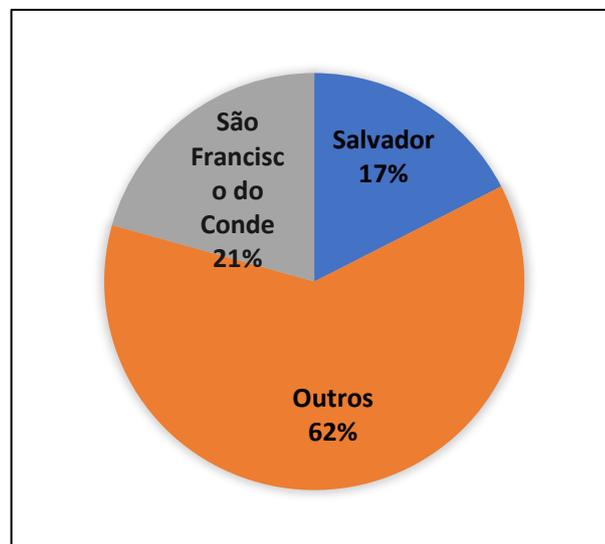
<sup>7</sup> A partir desta parte do texto, o Colégio Estadual do Campo de Tempo Integral Anna Junqueira Ayres Tourinho será citado por meio da utilização de sua sigla CEAJAT.

fazer o preenchimento do formulário. Deixei claro que não necessitava de identificação, pois a pesquisa não era personalíssima, mas o que importava e a obtenção das suas respostas. Por fim, as três turmas corresponderam positivamente à proposta, responderam os campos conforme a orientação, e o total de respondentes da amostra somaram um número de 63 alunos, a partir dessas respostas seguem a descrição da amostra:

#### 4.3 DESCRIÇÃO DA AMOSTRA

Como já mencionado acima, o cabeçalho do questionário tinha os seguintes itens a serem preenchidos: idade, série escolar, cidade onde nasceu, bairro no qual residia, pertencimento étnico-racial e gênero. Desse modo, contabilizei as informações para poder construir gráficos que por sua vez me proporcionaram uma visão mais ampla da amostra, ou seja, os aspectos quantitativos encontrados foram preponderantes para futuras análise qualitativas feita durante o desenvolvimento da pesquisa.

**Gráfico 1 - Cidade onde nasceu**

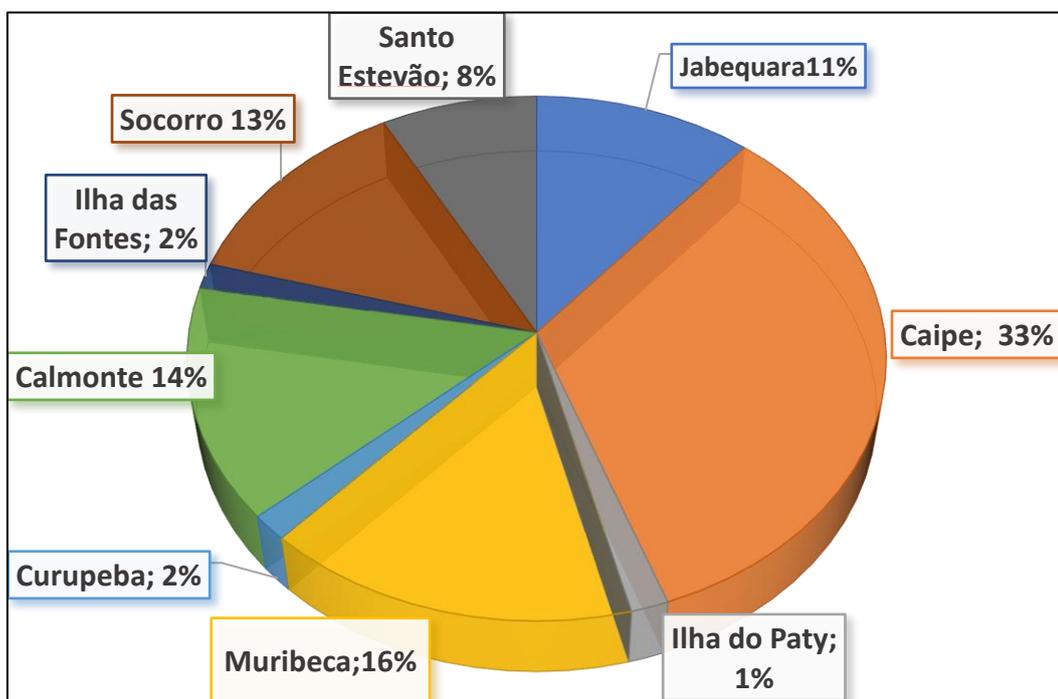


Fonte: elaboração própria.

Com relação a cidade onde nasceu, a amostra mostrou que somente 21% são de fato naturais de São Francisco do Conde (BA), enquanto 17% afirmam terem nascido na capital da Bahia, Salvador. Os 62% restante correspondem aos respondentes que nasceram em conjunto de outras cidades, ou seja, mais da metade,

embora morem em São Francisco do Conde, não carregam consigo o gentílico franciscano. Mas como explicar um número tão alto de pessoas que moram em um local diferente do qual nasceu? Pode-se inferir que um dos fatores que influenciou o presente cenário é justamente por se tratar de um distrito o qual as pessoas têm maior facilidade de acesso às cidades como Candeias, Madre de Deus e até mesmo a capital Salvador do que a própria sede do município, dessa forma, é mais conveniente nascer em hospitais de cidades próximas.

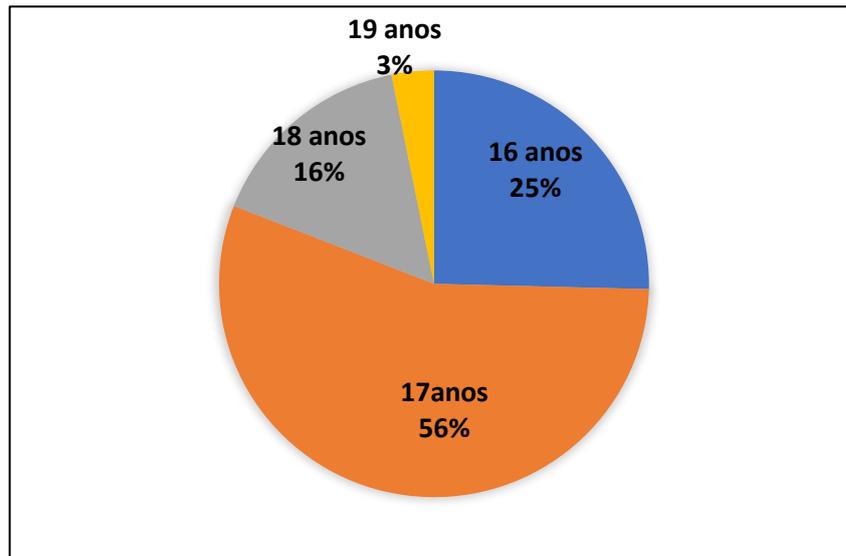
**Gráfico 2 - Bairro onde moram**



Fonte: elaboração própria.

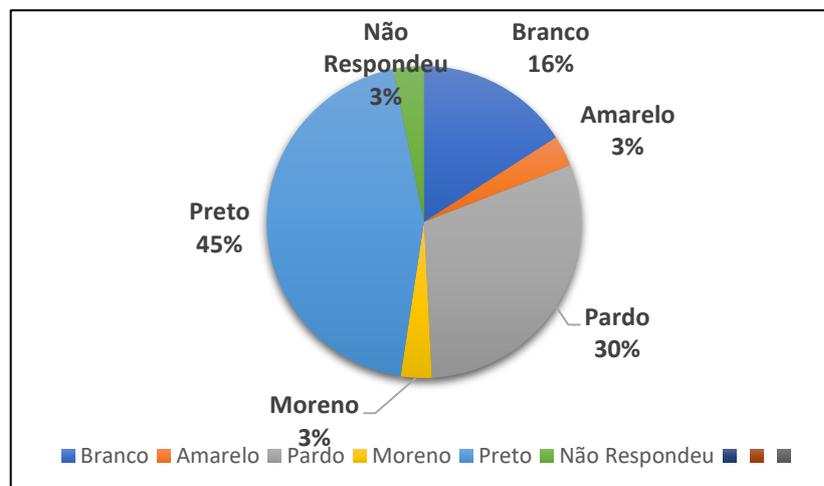
No tocante o bairro onde eles moram, foi possível perceber uma fragmentação de nove locais distintos eles no qual eles residem. O Caípe, bairro onde a escola está alocada, comporta uma parte significativa de 33% dos estudantes, seguido da Muribeca, bairro também próximo ao colégio, com 16% dos alunos. Todavia é possível encontrar alunos que encontra barreiras geográficas mais acentuadas, como é o caso dos que residem na Ilha das Fontes e na Ilha do Paty.



**Gráfico 3 - Idade**

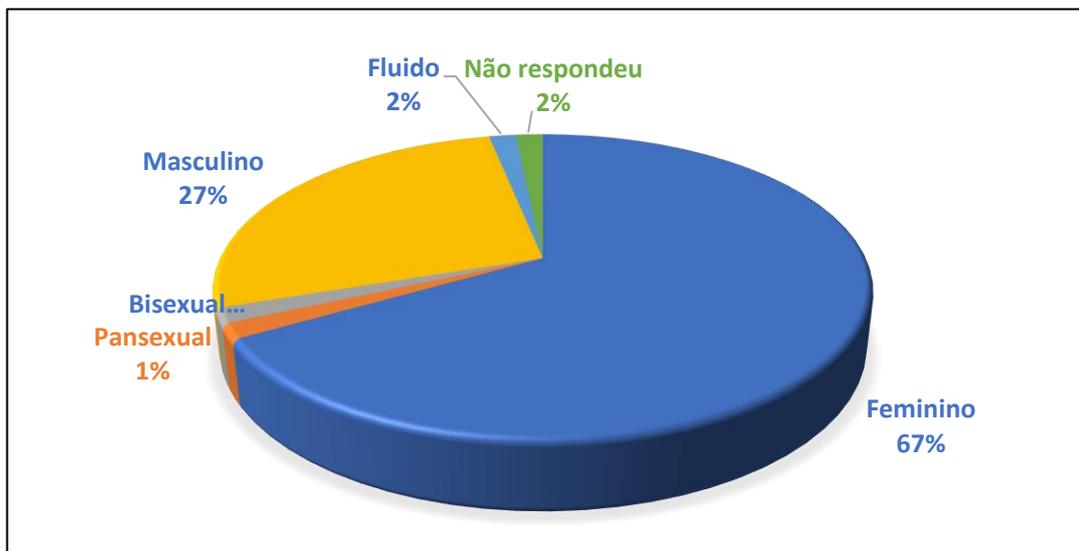
Fonte: elaboração própria.

Com relação a idade, a amostra trouxe um recorte de uma variação entre 16 até 19 anos. Lembrando que os respondentes são alunos do segundo ano do ensino médio, e o que se espera é que nesta etapa eles estejam com 16 anos. Ao colocar os dados em forma percentual, foi possível perceber que só 25% dos entrevistados encontram-se na idade esperada, ao passo que 56% deles, isto é, mais da metade, possuem 17 anos. Ademais, os que têm 18 e 19 anos correspondem a 16% e 3% respectivamente, idade na qual seria ideal que estivessem ou no mercado de trabalho ou/e ingressando em um ensino superior.

**Gráfico 4 - Pertencimento étnico-racial**

No que tange ao pertencimento étnico-racial, 45% se declaram pretos, 30% se declaram pardos, e 3% se declara morenos, isto é, 78% dos entrevistados declaram ser pessoas não-brancas. Esses dados da amostra corroboraram e muito com o último censo **demográfico de 2022** realizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) no Brasil, nele, a população de São Francisco do Conde tem 49,1% de habitantes que autodeclaram como pessoas pretas e 44,1% se autodeclaram como pardos se consolidando como umas das cidades mais negra do Brasil. Os que, na amostra, se declaram brancos, corresponde um percentual de 16%, enquanto 3% se declaram amarelo e por fim 3% optaram por não se autodeclarar. É importante destacar que não houve um gabarito de escolha, por tanto, a autodeclaração étnico-racial ocorreu de forma espontânea.

**Gráfico 5 - Gênero**



Fonte: elaboração própria.

Quanto a auto declaração de gênero a amostra trouxe um número surpreendentemente superior de 67% de mulheres, enquanto os homens se apresentaram com apenas 27% dos respondentes. Assim como o tópico étnico-racial, a escolha de gênero também não foi estimulada, neste contexto, ainda encontramos 2 % que se diz gênero fluido, 1% que afirma ser bissexual, e por fim, 1% se declara pansexual.

#### 4.4 TABULAÇÃO DOS DADOS

Após a construção dos gráficos me dediquei à análise das informações, o primeiro passo para que isto pudesse ser feito foi a tabulação dos dados utilizando o Microsoft Excel. A tabulação é um método no qual eu organizei todas as respostas obtidas no questionário em uma tabela. O objetivo foi exatamente agregar os dados de forma quantitativa a fim de conseguir fazer a leitura das informações fornecidas pela amostra.

Dessa forma, construir uma tabela (02) em que na primeira coluna vertical tinha todas as categorias de eventos de letramentos contidas na pesquisa, já em sua linha horizontal superior, coloquei todas frequências que também foram utilizadas na pesquisa. O passo seguinte foi analisar folha por folha, contabilizando quantas vezes cada evento de letramento era vivenciado e com qual frequência. A tabulação dos dados em planilha mostrou-se um trabalho minucioso o qual demandou um tempo considerável para ser construída, porém, uma vez pronta, tornou-se um instrumento facilitador no tocante a interpretação e conseqüentemente ao favorecimento do próximo passo, que seria um aprofundamento na pesquisa qualitativa.

**Tabela 2 - Tabulação dos dados**

<b>Categorias</b>	<b>Muitas vezes ao dia</b>	<b>Todo dia</b>	<b>Uma vez por semana</b>	<b>Uma vez por mês</b>	<b>Quase nunca</b>	<b>Nunca</b>
Fazer lista de coisas que precisa fazer	2	1	21	3	15	21
Fazer lista de compra	2		6	27	15	13
Usar agenda para marcar compromissos	3	8	2		14	36
Usar agenda virtual para marcar compromissos	1	5	7	3	16	31
Deixar bilhetes com recado para alguém de casa	1	2	1	2	21	36
Usar aplicativo de troca de mensagem	21	40				1

Escrever cartas para amigos e familiares		1	2	4	15	41
Enviar e receber <i>e-mails</i>	3	12	5	3	29	11
Audiobook (textos sonoros)	2	7	1		9	44
Ouvir podcast	4	10	5	7	25	12
Preencher currículo online	1		2	7	23	29
Montar seu próprio currículo				11	15	37
Verificar a data de vencimento do produto que compra	7	15	7	9	20	5
Comparar preços de produtos antes de comprar	10	25	3	9	16	
Pagar contas em bancos por aplicativo		6	5	24	8	20
Pagar contas em bancos, casas lotéricas	1		1	10	17	34
Fazer depósito ou saque em caixa eletrônico	2			13	22	26
Ler manuais	1	5	4	4	35	14
Ler rótulo de produtos	2	7	5	7	33	9
Ler bula de remédio	1	1	3	5	31	22
Ler textos na internet (jornais, blogs etc.)	10	28	6	2	11	6
Escrever histórias, poesias ou letras de música (de sua autoria)	2	1	3	6	13	38
Escrever comentários em aplicativos de interação online	2	14	4	4	26	13
Postagem com textos imagéticos e escrito (story/status)	4	13	15	6	17	8
Jogos com interação online	8	16	7	5	15	12

Fazer compras pela internet	4	5	8	24	12	10
Aulas online	1	4	4	4	38	12
Curso online		2	5	7	23	26
Aplicativo de rota de viagem (GPS, Waze...)	1		4	3	12	41
Chat GPT		2	2	1	10	45
Ler livros de papel	2	6	4	11	25	13
Pegar ônibus sozinho, fora da sua cidade		6	10	7	23	16
Pedir carro por aplicativo		1	3	7	21	30

Fonte: elaboração própria.

## 5 LETRAMENTOS SOCIAIS DE ESTUDANTES DE ENSINO MÉDIO DO CEAJAT

A presente seção apresenta considerações acerca de resultados da análise dos dados da pesquisa realizada com alunos/as do segundo ano do ensino médio pertencente ao Colégio Estadual Rural Anna Junqueira Tourinho. Tal estudo buscou descobrir quais eventos de letramentos estão presentes, com maior ou menor frequência, na vida dos/das estudantes fora do ambiente escolar. Ademais, esteve em foco identificar a utilização de letramentos digitais e de letramentos analógicos no cotidiano desses estudantes.

### 5.1 POR QUE DIZEM QUE OS ESTUDANTES NÃO LEEM E NÃO ESCREVEM?

“**Os estudantes não leem como os de outrora liam**”. Uma afirmação como essa costuma ser muito recorrente em ambientes escolares e no senso comum, mas, possivelmente, ela esteja atrelada a uma visão menos ampla sobre leitura e escrita. A ideia de ler e escrever ainda está muito ligada ao livro físico e ao caderno, respectivamente. Sob esse olhar, fica fácil supor que a leitura e a escrita estariam menos presentes na vida dos/das estudantes. A partir dessa perspectiva, com o intento de identificar as práticas de leitura e de escrita de estudantes do segundo ano do ensino médio do CEAJAT, foi lhes aplicado um questionário (já descrito na seção anterior) em que eles/elas se posicionavam sobre suas principais práticas de letramento de seu cotidiano.

Ao analisar os dados gerados, que foram organizados por meio da tabela 03, por exemplo, pode-se perceber que eventos de letramentos como, “**ler livro físico**”, “**escrever cartas para amigos**” ou “**escrever histórias, poesias, e letra de música**” apresentam baixíssima frequência de utilização pelo alunado:

Tabela 3 - Práticas de leitura e escrita

	Muitas vezes ao dia	Todo dia	Uma vez por semana	Uma vez por mês	Quase nunca	Nunca	Total de respondentes
Escrever cartas para amigos e familiares		1	2	4	15	41	63
Escrever histórias, poesias ou letras de música (de sua autoria)	2	1	3	6	13	38	63
Ler livros físicos	2	6	4	11	25	13	63

Fonte: elaboração própria.

As opções de frequência<sup>9</sup> “quase nunca” e “nunca” foram de fato escolhidas por um maior grupo de alunos nas três categorias<sup>10</sup>. **Escrever cartas para amigos e familiares**, que é considerado uma atividade de letramento acessível a todos, apresenta um número<sup>11</sup> de 88,8% da soma das respostas das opções “quase nunca” e “nunca”, isto é, uma atividade que antes da era digital poderia ser considerada trivial, nos tempos atuais, parece cair em desuso. Sob o mesmo modelo, a categoria “**Escrever histórias, poesias ou letras de música (de sua autoria)**” apresenta uma porcentagem de 80,9% da soma da frequência de “nunca” e “quase nunca”. Esses dados sobre atividades de escrita parecem ser números altíssimos para pessoas que estão inseridas em um mundo grafocêntrico. Até este ponto, é possível entender ideias que afirmam que jovens alunos leem e escrevem de maneira insuficiente nos dias atuais.

Ao analisar a opção “**Ler livros físicos**”, é percebida uma porcentagem de 60,3% de alunos que afirmam que “nunca” ou “quase nunca” foram participantes desse modelo de letramento. Bem menor que as duas primeiras (escrever cartas e escrever histórias, poesias e letras de música), porém suas respostas representam

<sup>9</sup> Convencionou-se como chamar de “frequência” a sequência de opções que os respondentes tinham para se posicionarem quanto à regularidade de vezes que eles vivenciavam cada evento de letramento, isto é, “muitas vezes ao dia”, “todo dia”, “uma vez por semana”, “uma vez por mês”, “quase nunca” e “nunca”.

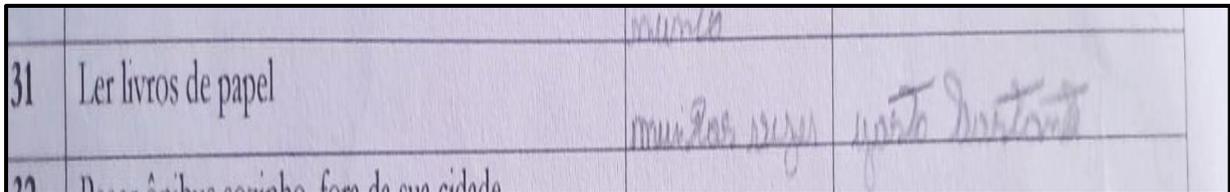
<sup>10</sup> Convencionou-se chamar de “categoria” cada situação de evento de letramento proposta para que eles se posicionassem. Por exemplo, na tabela 03, as categorias destacadas são: “escrever cartas para amigos e familiares”, “escrever histórias, poesias ou letras de música (de sua autoria)” e “ler livros físicos”.

<sup>11</sup> O número total (100%) de respondentes é sessenta e três (63). A partir deste quantitativo, serão apresentadas as análises em formato percentual neste texto.

mais da metade dos estudantes pesquisados, o que reflete um número bem significativo, atestando a pouca vivência desta prática. Todavia, é interessante perceber também que 40% dos respondentes declaram ler livros impressos **“ao menos uma vez por mês”**, e esta também é uma resposta razoável encontrada neste estudo.

Ao receberem as fichas de pesquisa, os alunos tiveram a oportunidade de acrescentar, sem nenhuma obrigatoriedade, alguma informação pertinente em qualquer uma das categorias – haja vista que, propositalmente, fora deixado um espaço em branco para comentários espontâneos por parte dos respondentes. Desse modo, na categoria “ler livro físico”, especificamente, foram encontrados comentário que apontam para características dessas vivências de letramentos na vida de alguns alunos, como por exemplo: um aluno afirma ler “muitas vezes ao dia” pelo fato de, exclusivamente, “gostar bastante”. Chama a atenção que o respondente fez questão de usar o advérbio de intensidade “bastante” para deixar claro como aquele evento de letramento faz parte da sua vida.

**Figura 7** - Fragmento da pesquisa (respondente X)

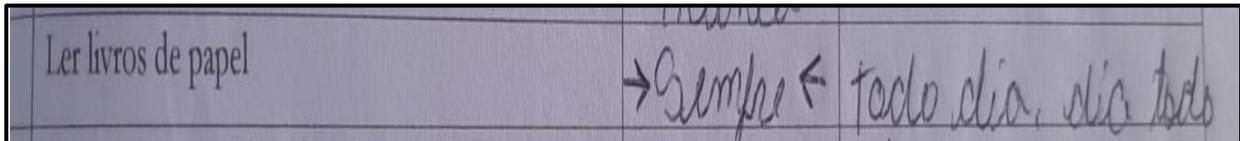


31	Ler livros de papel	muito	muitas vezes	gosto bastante
22	Devo ler livros também fora da sala de aula			

Fonte: elaboração própria.

Nesse mesmo sentido, outro entrevistado é enfático ao escrever em sua ficha que lê livros “sempre- todo dia, o dia todo”.

**Figura 8** - Fragmento da pesquisa (respondente Y)



	Ler livros de papel	muito	→ Sempre ←	todo dia, dia todo
--	---------------------	-------	------------	--------------------

Fonte: elaboração própria.

Em outra ficha, encontra-se um respondente que afirma “ler todos os dias”, sendo que seu material de leitura diário é a Bíblia.

**Figura 9** - Fragmento da pesquisa (respondente Z)

31	Ler livros de papel	todos os dias	Bíblia
32	Deixar ônibus sozinho, fora da sua cidade		

Fonte: elaboração própria.

Tal depoimento entra em consonância com o debate proposto por Rojo (2009, p.51), já citada acima, ao salientar que: “Além disso, o fato de as pessoas declararem possuir livros didáticos, mas lerem a Bíblia e livros religiosos mostra que a esfera religiosa, em termos de letramentos, ganha “de goleada” da esfera educacional”.

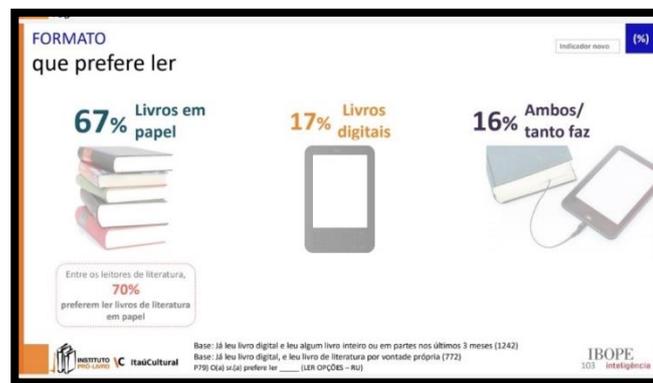
Dessa maneira, é importante observar que ler livros é um evento de letramento que ainda está presente de maneira considerável na rotina de muitos estudantes, mesmo que esse número não chegue nem a metade deles. **Os exemplos desses três discentes acima demonstram o quanto os livros estão longe de cair em desuso, mais que isso, o quanto eles permanecem atrativos e continuam contribuindo na formação social dos jovens. Mesmo na era digital, ler “livros físicos” parece ser uma experiência peculiar e insubstituível.**

O presente recorte da pesquisa levou em consideração apenas três categorias de letramentos analógicos (escrita de cartas, escrita de histórias, poemas, música e leitura de livros físicos), isto é, faz-se necessária uma análise mais aprofundada a respeito dos motivos que levam à infreqüência de tais práticas. Isso posto, valem outros questionamentos: o que se apresenta é apenas um desuso da escrita e da leitura na modalidade analógica por esses/essas jovens ou está ocorrendo uma substituição por outros eventos de letramentos existentes atualmente? Por outro lado, ao levar em consideração os 40% dos respondentes que dizem ler livros físicos “ao menos uma vez por mês” seria possível ainda corroborar com a ideia de que os jovens de hoje não leem de maneira suficiente como os de outrora liam?

## 5.2 OS ESTUDANTES LEEM?

Como visto acima, entre os/as 63 estudantes que participaram da pesquisa, a maior parte afirma não utilizar um livro físico para leitura. Será que o suporte<sup>12</sup> impresso estaria se tornando obsoleto? Curiosamente, os resultados da última pesquisa *Retrato da Leitura do Brasil*, elaborada pelo Instituto Pró-Livro, no ano 2019, apontam justamente para um cenário aparentemente inverso. A pesquisa revela que 67% dos respondentes preferem ler livro físico contra 17% que preferem ler livro digital (Figura 10). Porém, dentro da mesma pesquisa (Figura 11), ao analisar especificamente o recorte “escolaridade”, entre os entrevistados do ensino médio, é possível perceber que, neste grupo, o número de leitores via suporte digital é maior do que os que utilizam os suportes impressos. Comparando a pesquisa do Instituto Pró-Livro e essa presente pesquisa, pode-se deduzir que a escolha do suporte esteja intrinsecamente ligada à idade e ao nível de escolaridade<sup>13</sup>, e esta seria então uma explicação para que a escolha da categoria “ler livros físicos” tenha sido relativamente baixa.

**Figura 10** - Preferência dos leitores pelo formato do livro, segundo a pesquisa



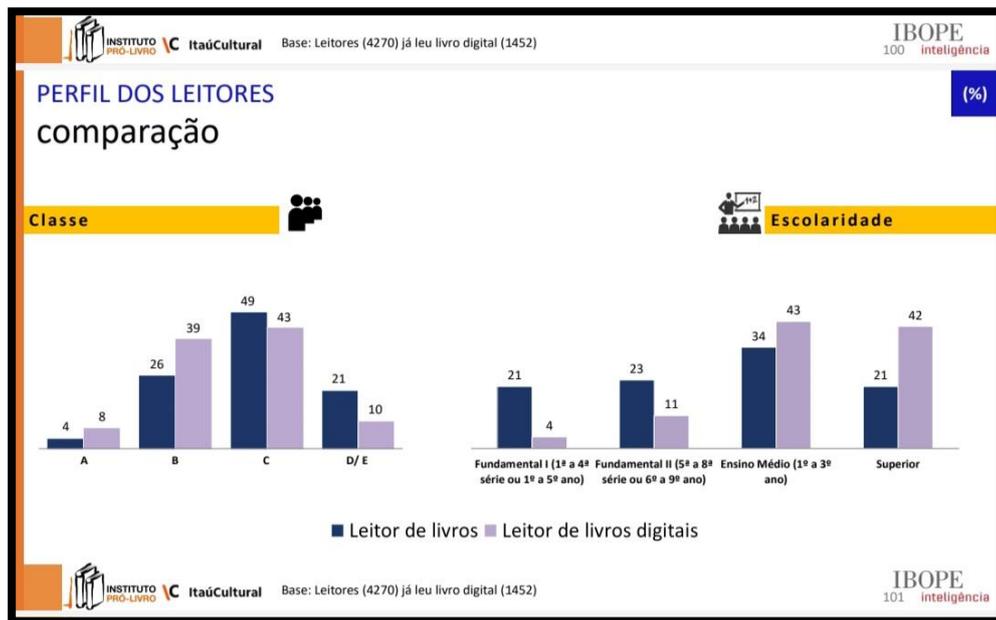
*Retratos da leitura no Brasil (2019)*

Fonte: Apresentação Retrato da Leitura no Brasil 5ª edição

<sup>12</sup> Para uma definição mais aprofundada do conceito de **suporte textual**, cf. página 45.

<sup>13</sup> O aumento da utilização do suporte digital pode estar intrinsecamente ligada ao advento da pandemia, segundo pesquisa divulgada pelo site Agência Brasil “A pandemia de covid-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde em março de 2020, intensificou o uso de tecnologias digitais no Brasil, passando de 71% dos domicílios com acesso à internet em 2019 para 83% no ano passado, o que corresponde a 61,8 milhões de domicílios com algum tipo de conexão à rede”. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/estudo-mostra-que-pandemia-intensificou-uso-das-tecnologias-digitais>. Acesso em: 7 fev. 2024.

**Figura 11** - Recorte de escolaridade para a preferência do formato do livro, Segundo a pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* (2019)



Fonte: apresentação Retrato da Leitura no Brasil 5ª edição.

O suporte impresso ainda tem sua predominância como forma de leitura de livros, todavia, é inegável que seu protagonismo tenha dividido cada vez mais espaço com o digital. Hoje ele divide espaço com as telas de smartphones, notebook e tablet, dessa maneira, não há como afirmar que quem não lê livros físicos não seja necessariamente um leitor.

**Tabela 4** - Práticas de leitura

	Muitas vezes ao dia	Todo dia	Uma vez por semana	Uma vez por mês	Quase nunca	Nunca	Total de respondentes
<b>Ler textos na internet (jornais, blogs etc.)</b>	10	28	6	2	11	6	63

Fonte: elaboração própria.

Observando a tabela 04, é possível perceber que 44 dos 63 entrevistados leem ao menos uma vez por semana textos na internet, isto é, quando somamos as categorias “**muitas vezes ao dia**”, “**todos dias**”, “**uma vez por semana**” e “**uma vez**

**por mês**” temos uma porcentagem de 73% de leitores com algum grau de regularidade na prática de leitura, o que parece um número ao menos razoável. Segundo Crystal (2013, p.27), “as pessoas reclamam que “os adolescentes não leem”, quando na realidade os adolescentes leem o tempo todo – no telefone celular, no Facebook...” A fala do autor corrobora, e muito, com os dados obtidos na pesquisa.

Ao fazer uma análise comparativa entre os dados, temos um resultado de 27% de alunos que, na escala de frequência, afirmam que “**nunca ou quase nunca**” leem textos na internet, enquanto que para leitura de livro físico (Tabela 03), temos um número muito superior de 60,3% para mesma escala de frequência. Nesse sentido, novamente é preciso considerar o posicionamento de Crystal (2013, p.27): “Talvez [os adolescentes] não estejam lendo o que os adultos querem que eles leiam (Shakespeare, Dickens...), mas estão lendo”. Dessa maneira, é possível entender que, entre os/as adolescentes, a leitura tem se ampliado nos suportes digitais, enquanto ganha uma certa infrequência nos suportes analógicos. Ou seja, é errôneo a afirmação que os alunos não leem como os de outrora liam. Os números mostram que eles têm migrado de um suporte para o outro, mas sem deixar a prática de leitura. Trata-se de um processo que tende a ocorrer fatalmente, haja vista que a popularização da Tecnologia de Informação e de Comunicação está cada vez mais acessível às populações de maneira geral, de tal forma que aparatos tecnológicos, como *smartphones*, encontram-se com muita frequência nas palmas das mãos.

### 5.3 OS ESTUDANTES ESCREVEM?

Sobre a prática da escrita, os dados pesquisados apresentam características específicas. Analisando as três categorias da tabela 05, pode-se observar que 24 dos 63 entrevistados/as “**escrevem lista de coisas que precisam fazer**” pelo menos “uma vez por semana” – essa quantidade corresponde a 38% do total das respostas. Contudo, ao se considerar os que fazem pelo menos “uma vez ao mês”, o número aumenta para 42% dos entrevistados. Dessa maneira, pode-se perceber que práticas de letramentos analógicas ainda estão presentes em algumas atividades do seu cotidiano.

Tabela 5 - Práticas de escrita

	Muitas vezes ao dia	Todo dia	Uma vez por semana	Uma vez por mês	Quase nunca	Nunca	Total de respondentes
Fazer lista de coisas que precisa fazer	2	1	21	3	15	21	63
Escrever comentários em aplicativos de interação online	2	14	4	4	26	13	63
Postagem com textos imagéticos e escrito (story/status)	4	13	15	6	17	8	63

Fonte: elaboração própria.

Na segunda categoria expressa na tabela, “**Escrever comentários em aplicativos de interação online**”, encontra-se um exemplo de prática de escrita digital que corresponde a 31,7% de alunos que dizem vivenciar esta prática ao **menos “uma vez por semana”**. Quando se observa os que fazem **ao menos “uma vez por mês”** este número cresce para 38%. Verificando essas duas primeiras categorias da tabela 05, pode-se observar que a prática da escrita analógica aparece em maior quantidade que a digital.

Tabela 6 - Escrever comentários em aplicativos de interação online

Frequência	Número Absoluto	(%)
Muitas vezes ao dia	2	3,1
<b>Todo dia</b>	<b>14</b>	<b>22,2</b>
Uma vez por semana	4	6,3
Uma vez por mês	4	6,3
Quase nunca	26	41,2
Nunca	13	20,6
<b>Total</b>	<b>63</b>	<b>99,7</b>

Fonte: elaboração própria.

Fazendo uma análise mais específica referente à categoria “Escrever comentários em aplicativos de interação online”, ao observar a tabela 06, é interessante perceber que os respondentes que vivenciam esse evento de letramento diariamente correspondem a 22%, isto é, levando em consideração a amostragem, trata-se de um número expressivo. Tendo em vista a constância e a quantidade de pessoas que se dedicam à escrita por meio das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs)<sup>14</sup>, é imperioso um olhar mais atento dos institutos de ensino acerca da forma e do conteúdo da escrita digital produzida por esses alunos.

Para entender um pouco mais acerca da prática da escrita digital, faz-se necessário o questionamento de quais benefícios práticos esse evento de letramento traz e em que formato ele de fato acontece. A princípio, é importante refletir sobre o conceito de suporte textual atualmente, isto é, se em outrora era entendido como algo físico (papel) no qual se grafava algum(ns) gênero(s) textual(is), agora, na era da internet, este conceito foi ampliado para o meio virtual, sobre isso:

Entendemos como suporte de um gênero um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto. Numa definição sumária, pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto. (Marcushi, 2003, p.11)

Sendo assim, pode-se entender que mídias sociais como Instagram e Whatsapp correspondem a estes tipos de suporte de fixação de gêneros textuais. Desta forma, “Escrever comentários em aplicativos de interação online”, categoria vivenciada por alunos, trata-se de uma produção textual correspondente ao **gênero comentário online**. Sendo assim, é interessante destacar que, além de eles estarem produzindo textos ao comentar uma foto ou uma notícia online, os alunos certamente estão desenvolvendo sua capacidade crítica de emitir opinião ou um juízo de valor sobre algo que está posto nas mídias sociais. É interessante acrescentar que, por meio desses suportes, além do texto escrito, os estudantes utilizam outras linguagens disponíveis que podem complementar o sentido dos seus comentários – os emojis e as figurinhas são ótimos exemplos dessas outras linguagens.

---

<sup>14</sup> As **Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – TDICs** se integram em uma gama de bases tecnológicas que possibilitam a partir de equipamentos, programas e das mídias, a associação de diversos ambientes e indivíduos numa rede, facilitando a comunicação entre seus integrantes, ampliando as ações e possibilidades já garantidas pelos meios tecnológicos. Disponível em: <https://www.tdics.epsjv.fiocruz.br/glossario/tecnologia-digital-de-informa>. Acesso em: 7 fev. 2023.

Uma vez entendido o formato dessa escrita online, chega-se a um segundo questionamento, o quanto este evento de letramento implica positivamente na vida prática do alunado. Em um primeiro momento, só o fato de eles estarem lendo e escrevendo já denota participação ativa na sociedade contemporânea, amplamente alicerçada na escrita. Para além disso, é interessante perceber que, ao fazer comentários online, certamente eles estão treinando sua capacidade de argumentação, em um ambiente que lhes confere a oportunidade de expor suas ideias sobre assuntos variados. Pensando sobre tal prática, fica fácil associar o quanto isto pode ser proveitoso para a construção da prova de redação do Enem, afinal, o exame exige que os candidatos, além da devida estrutura da redação dissertativo-argumentativa, possuam habilidades de expor seus pontos de vista acerca da temática de maneira contundente. Em síntese, ao explorar pedagogicamente esse tipo de gênero textual e o conjunto de conhecimentos mobilizados em direção a práticas argumentativas, a escola pode contribuir para que os alunos estejam mais preparados para o Enem ou para qualquer outro exame no qual seja necessário usar a capacidade de opinar.

A terceira categoria **“Postagem com textos imagéticos e escritos (story/status)”** é um exemplo de uma escrita multissemiótica, haja vista que tais textos carregam consigo a característica de possuir mais de um tipo de linguagem. Entretanto, a multiplicidade semiótica é algo que não podemos chamar de novo, afinal, jornais e revistas impressos já se apresentavam como gêneros textuais que possuem duas linguagens distintas há muitos anos, ou seja, linguagem verbal e linguagem imagética em um mesmo texto. Diversos outros exemplos antigos poderiam se encaixar como textos multissemióticos, por exemplo: panfletos de supermercados, charges, semáforos (com som e cores) entres outros.

Todavia, é fundamental considerar o quanto é crescente o número de novos gêneros textuais multissemióticos e como eles têm sido bastante produzidos para além do ambiente escolar. Com o advento do letramento digital, textos multissemióticos, que possuem diferentes linguagens (imagens, letras, sons e links), são frequentemente escritos pelo alunado. Sobre a natureza desses textos, Rojo (2012, p.19) explica que “são compostos de muitas linguagens (ou modos, ou semioses) e que exigem capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar”. Essas múltiplas semioses, às quais a autora se refere, estão disponíveis para produções textuais em diferentes

suportes como o Instagram, Whatsapp, além de outras redes sociais, por meio das quais o alunado tem aprendido a produzir e interpretar postagem com textos imagéticos, escritos e sonoros. Uma vez que os textos múltissemióticos estão sendo produzidos, cabe à escola se apropriar pedagogicamente dessas produções textuais. As instituições de ensino devem atender aos desafios que essas novas linguagens trazem (novas formas de comunicação) e, por meio disso, tirar proveito prático para a vida social do discente, como é o caso do gênero “comentário online” citado acima, isto é, uma vez trabalhado em sala, pode ser uma forte ferramenta na formação da criticidade dos alunos.

Ao serem questionados sobre a produção desse tipo de conteúdo, observou-se que 50% dos/das entrevistados/as produzem esses textos **pelo menos “uma vez por semana”**. Quando consideramos os/as que fazem pelo menos **“uma vez por mês”**, essa frequência apresenta-se em um valor de 60%. Ou seja, no sentido mais amplo da escrita, mais da metade dos alunos têm se dedicado à escrita por meio de práticas de multiletramentos em contextos para além da sala de aula. Casos como esse apontam para uma mudança muito significativa nas sociedades contemporâneas. Nas palavras de Marcuschi (2010, p17), “se a introdução da escrita conduziu a uma cultura letrada, nos meios onde ela floresceu, de igual modo, a introdução da escrita eletrônica, pela sua importância, está conduzindo a uma cultura eletrônica, com uma nova economia da escrita”.

**Tabela 7 - Interações pessoais digitais**

	<b>Muitas vezes ao dia</b>	<b>Todo dia</b>	<b>Uma vez por semana</b>	<b>Uma vez por mês</b>	<b>Quase nunca</b>	<b>Nunca</b>	<b>Total de respondentes</b>
<b>Usar aplicativo de troca de mensagem</b>	21	40				1	62

Fonte: elaboração própria.

Em suma, essa pesquisa esteve particularmente interessada em observar a forma como se dá a interação entre os/as adolescentes de 2º ano do Ensino Médio de São Francisco do Conde e seus amigos e familiares. Nesse sentido, é interessante observar que, conforme exposto por meio da tabela 03, na categoria analógica

“**Escrever cartas para amigos e familiares**”, os/as que afirmaram vivenciar essa prática de letramento pelo menos “**uma vez por mês**” correspondem a um tímido 11% do total. Em contraste a esse dado, quando é observada a modalidade de escrita digital apresentada pela categoria “**Usar aplicativo de troca de mensagem**” (Tabela 07), observamos uma altíssima porcentagem de 96,8% que dizem escrever em uma frequência que se concentra em “**muitas vezes ao dia**” e “**todos os dias**”. Um número expressivo que mostra que, na verdade, os/as discentes escrevem muito, porém sua produção de texto assume novos moldes. Sobre isso, a Base Nacional Comum Curricular (2018) prevê o seguinte:

as práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir (BNCC, 2018, p. 68).

Isto é, os alunos não escrevem cartas com papel e caneta, todavia estão escrevendo muito e para muitas pessoas por meio não só do alfabeto, mas de outras tantos signos que a tecnologia disponibiliza.

#### 5.4 O QUE A PESQUISA DIZ SOBRE O MULTILETRAMENTOS?

Roxane Rojo (2012, p.13), em afirma que a ideia de multiletramentos está associada “multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de construção dos textos por meio dos quais ela informa e se comunica.”. Quanto aos aspectos semióticos é importante reafirmar que eles trazem duas características: a necessidade de novas formas de decodificações e uma forma de leitura menos linear e mais dinâmica por meio dos hipertextos. Desta maneira, pode-se dizer também que exista uma multiplicidade de formas de leituras. Isto posto, cabe discorrer sobre a multiplicidade cultural a qual os participantes da pesquisa são pertencentes.

A princípio, é importante entender que a **multiplicidade cultural** corresponde a um conjunto de culturas diferentes que coexistem de forma mais aproximada a partir do advento da globalização, isto é, que de algum modo se conectam por meio das pessoas. O CEAJAT possui uma peculiaridade multicultural muito grande, pois, além de possuir alunos residentes em diferentes regiões geográficas do município, tais regiões possuem singularidades culturais distintas, conseqüentemente, quando os

alunos estão reunidos em sala de aula, a escola constitui-se como uma instituição culturalmente plural. Entre os alunos participantes da pesquisa, há moradores dos distritos de Santo Estêvão, Socorro, Muribeca, Calmante, Curupepa, Caípe, Jabequara e ainda da Ilha das Fontes e da Ilha do Paty, sendo essa última uma comunidade quilombola. A verdade é que, embora todos estes lugares pertençam ao município de São Francisco do Conde (BA), cada um deles possui suas tradições, costumes, crenças e artes próprias.

Neste contexto, fica fácil inferir que o CEAJAT é um espaço multicultural, cujos alunos estão inseridos em práticas multiletradas proporcionadas pela internet. Observando-se, portanto, os números da tabela 08 pode-se concluir que, por exemplo, alunos que moram em regiões mais isoladas geograficamente, como as Ilha do Paty e das Ilha das Fontes, rompem as barreiras fronteiriças e têm acesso a textos multissemióticos pela internet. Desse modo, pode-se inferir que eles estão tendo acesso a diferentes culturas por meio de conteúdo multissemióticos disponibilizados globalmente por meio da rede mundial de computadores, ao passo que são produtores de textos também multissemióticos, e por meio deles divulgam as suas próprias vivências culturais para todo o mundo.

Tabela 8 - Práticas de multiletramentos

	Muitas vezes ao dia	Todo dia	Uma vez por semana	Uma vez por mês	Quase nunca	Nunca	Total de respondentes
Usar aplicativo de troca de mensagem	21	40				1	62
Ouvir podcast	4	10	5	7	25	12	63
Ler textos na internet (jornais, blogs etc.)	10	28	6	2	11	6	63
Postagem com textos imagéticos e escrito (story/status)	4	13	15	6	17	8	63
Jogos com interação online	8	16	7	5	15	12	63

Fonte: elaboração própria.

A tabela 08 ilustra muito bem os eventos de multiletramentos que os estudantes vivenciam no seu dia a dia. É interessante perceber que, com exceção da categoria **“usar aplicativo de troca de mensagem”**, todas as outras categorias aparecem com a taxa de frequência bastante fragmentada. O que se infere quanto a isso é que, embora a era digital tenha chegado com tantas possibilidades multiletradas, esse advento também se apresenta de forma segregada, seja por insuficiência de suporte digital ou pela insuficiência de acesso à internet, ou ainda porque o letramento digital de estudantes, que já nasceram na era digital é ainda limitado – haja vista que ter acesso à tecnologia digital, por si só, não os torna digitalmente letrados de forma proficiente. Daí a importância de que a escola seja um local que possa proporcionar, por meio do letramento escolar, o desenvolvimento do letramento digital, os seja, a escola precisa não somente ter o suporte digital disponível, ela deve ser também agência do letramento digital de seus alunos.

É importante destacar que algumas telefonias disponibilizam acesso ilimitado para o uso de alguns aplicativos, esse é um fator que reflete acerca da maior utilização do aplicativo de troca de mensagens, e que pode explicar a menor vivências das outras categorias, uma vez que necessitam de uma utilização de um acesso por meio

de uma banda larga, por exemplo. Além disso, eles conseguem vivenciar, com muita facilidade, práticas de letramentos por meio dos aplicativos de troca de mensagens de texto durante o período em que estão na escola, utilizando a internet disponibilizada pela instituição (CEAJAT).

Em síntese, é importante perceber que embora as práticas de multiletramentos estejam presentes, de forma ainda tímida, ela tende a se aproximar cada dia mais do cotidiano do alunado. Como dito acima, a escola, como principal agência de letramento, precisa encarar as práticas multiletradas como mola propulsora para a formação desses alunos. Isto não significa deixar para trás métodos de ensino que estão dando certo até então, mas associá-los a novas técnicas que tragam para dentro do espaço escolar textos que proporcionem eventos multiletrados. Tudo isso a fim de que todos os alunos recebam uma formação capaz de encarar os desafios de um mundo cada dia mais globalizado.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) consiste em uma avaliação necessária para que o graduando possa concluir a sua empreitada acadêmica, cuja finalidade está centrada em um minucioso trabalho de pesquisa acerca de uma temática contida na área de estudo escolhida. Desse modo, pode-se dizer que além de proporcionar um conhecimento teórico considerável – o qual transcende o já adquirido ao longo dos componentes curriculares do curso de graduação –, tal trabalho tem o propósito de tornar o profissional um professor-pesquisador capaz de descobrir novos conhecimentos por meio de métodos científicos. Nesse contexto, o presente trabalho, realizado no âmbito do curso de Letras – Língua Portuguesa, foi motivado, a priori, pela temática dos letramentos e, conseqüentemente, se deparou com o universo dos multiletramentos.

Durante o decorrer da graduação, o debate sobre letramentos deu-se de forma permanente, isto é, foi um tema que perpassou diversos componentes durante os semestres. Isso não poderia ser diferente, afinal, além de se tratar de temática essencial, letramentos é sempre “plural”, desse modo, é natural que sejam abordados com tanta frequência, em suas diferentes facetas.

A partir deste cenário proporcionado pela universidade, ficou evidente que a escola é a maior agência de letramentos em nossa sociedade, e a esse letramento escolar a maioria dos jovens contemporâneos tem livre acesso. Todavia, nesse contexto, alguns questionamentos serviram como motivadores para o desenvolvimento da pesquisa, como por exemplo: “quais eventos de letramentos estão presentes nas vidas de alunos fora da escola?”, “como a escola tem potencializado as práticas de letramentos fora dos muros da instituição?”, “eles leem e escrevem nos ambientes sociais nos quais eles estão inseridos?”, ou ainda, “em quais formatos e suportes essas vivências de letramentos acontecem?”. Todas essas indagações serviram de impulso para iniciar o trabalho investigativo.

A construção de um TCC é sem dúvida um caminho laborioso que, ao mesmo tempo, proporciona um aprendizado considerável. No caso específico desta pesquisa, foi possível apreender o quão importante é a pesquisa teórica por meio da leitura de autores como Paulo Freire (Educador e filósofo), Luiz Antônio Marcuschi (Linguista), David Crystal (Linguista) e Roxane Rojo (Linguista), que trazem em suas obras um grande empenho em explicar as possíveis correlações entre linguagens e educação.

Isso é percebido desde a ideia da “leitura do mundo”, pensada por Paulo Freire, até o conceito de multiletramentos, tão bem ensinado na obra da Roxane Rojo (2012).

Sobre esta última autora, é importante que se diga que suas obras *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social* (2009), *Multiletramentos na escola* (2012) e *Escola conectada: os multiletramentos e as TICs* (2013) foram de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa. Os livros da autora supracitada se debruçam sobre aspectos de letramentos escolares e extraescolares, por isso, tornou-se principal base teórica para esta presente pesquisa, cuja perspectiva de estudo é semelhante. Mas não só isso, sua obra serviu de fonte para a construção do questionário aplicado em sala de aula para captação dos dados pesquisados. Por meio de referências encontradas em seus livros, foi construído um questionário de pesquisa, o qual se mostrou um instrumento suficientemente eficaz para captação dos dados. Entretanto, tais obras já contam com um lapso temporal de mais de dez anos em relação ao presente. Neste período, a tecnologia da informação e comunicação se agigantou, por isso, este trabalho destacou novos pontos de vivências de letramentos que estão mais pujantes no cotidiano dos jovens na atualidade. Dentre alguns exemplos, pode-se destacar os dados obtidos sobre a prática de ouvir podcast<sup>15</sup>, que teve sua utilização popularizada durante a pandemia de 2020, e os aplicativos de troca de mensagens que ganharam utilização significativa nos últimos anos, com a possibilidade de mensagens multissemióticas. Assim sendo, ler renomados autores, que de algum modo já colaboraram com o tema, significa se especializar no objeto de estudo, a fim de se ganhar “musculatura” a respeito do tema trabalhado. Em suma, um referencial teórico adequado permite colocar o próprio trabalho sob bases confiáveis, as quais conferem credibilidade à pesquisa.

A partir da constituição do *corpus* de análise, observou-se que a amostra desta pesquisa possui características relevantes. A princípio, ela representa um número absoluto de 63 respondentes de jovens entre 16 a 19 anos residentes do município de São Francisco do Conde (estado da Bahia). A representatividade alcançada nesta amostra foi muito importante, como já mencionado neste trabalho, haja vista que

---

<sup>15</sup> Esse *boom* na produção e no consumo de podcasts aconteceu durante a pandemia de covid-19 (2020 a 2022), período em que as pessoas ficaram mais tempo em casa. De acordo com o relatório “State of the Podcast Universe”, da empresa americana “Voxnest”, o Brasil foi o país que mais produziu podcasts em 2020, período marcado pelo isolamento social. Disponível em: <https://eshoje.com.br/geral/cidades/2023/10/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-escuta-podcasts-no-mundo/>. Acesso em 08 de março de 2024.

alunos de diferentes regiões da cidade (Caípe, Muribeca, Socorro, Ilha do Paty, Ilha das Fontes, Calmonte, Santo Estevão, Curupeba e Jabequara) participaram da pesquisa, o que permitiu um retrato mais panorâmico sobre leitura e escrita no município. Outro ponto a ser destacado foi a diversidade étnico-racial, isto é, a amostra evidenciou a miscigenação entre os respondentes, sendo sua maior predominância de pessoas pretas. Quanto aos gêneros que foram identificados na amostra, também foi encontrado grande diversidade ao perceber que os respondentes informaram pertencer aos gêneros, feminino, masculino, bissexual, pansexual e fluido, neste recorte a predominância deu-se de pessoas que se identificam no sexo feminino. Em síntese, a amostra coletada foi muito significativa, afinal, ela é um fragmento com características que seguramente representa o todo, seja pela diversidade geográfica ou pela própria diversidade dos respondentes.

Outro aspecto de aprendizagem que esse TCC proporcionou foi a construção da pesquisa por meio do método qualitativo e quantitativo – ambos foram fundamentais para o resultado obtido. Recorrendo ao modo quantitativo, pôde-se obter uma maior exatidão das informações, na medida em que tal método foi um facilitador para que houvesse uma segura análise e interpretação acerca do estudo de caso, já que se tratava de um universo relativamente grande de informações geradas pelos 63 respondentes. Utilizando desta ferramenta, foi possível tabular os dados de forma numérica, e desse modo, transformar informações em porcentagens, em gráficos e tabelas, o que proporcionou a inferência de informações de forma mais precisa. Ademais, gráficos, porcentagens e tabelas serviram também como linguagem textual simplificadora na construção do texto, tornando-o mais didático ao leitor.

A utilização do método qualitativo, por sua vez, proporcionou uma análise para além das informações numéricas. Isto é, foi realizada uma cuidadosa observação das informações subjetivas contidas no formulário, levando sempre em consideração o contexto social dos respondentes, a fim de entender os dados com maior profundidade. Dessa maneira, foi possível correlacionar as evidências ali descritas por meio da complementariedade metodológica que ambos os métodos, qualitativo e quantitativo, possuem.

A partir da pesquisa foi possível perceber que práticas de letramentos estão sendo buscadas fora do ambiente escolar pelos alunos do ensino médio com muita frequência. Sobre a utilização do suporte para a leitura e escrita, é possível interpretar que não há uma substituição do analógico pelo digital – sobretudo o que se percebe

é uma coexistência de ambos. Isso fica evidente, pois os dados desta pesquisa mostraram que as categorias de eventos de letramentos são vivenciadas com maior ou menor frequência, seja ela analógica ou digital. Nesse sentido, eles estão lendo textos na internet, mas também há um número expressivos de jovens que dizem ler o livro físico. Além disso, eles estão escrevendo bastante nos aplicativos de mensagens, ao mesmo tempo em que não deixaram de usar agenda para marcar compromissos.

Levando em consideração que a presente pesquisa teve um olhar atento sobre leitura e escrita no sentido mais amplo, ou seja, sem deixar de observar os modelos de práticas de letramentos multissemióticos, pode-se concluir que, se as instituições de ensino levam os estudantes a práticas de letramento escolar, eles também buscam, de forma autônoma, suas próprias vivências. É importante evidenciar que as práticas de leitura e escritas são vivenciadas por eles para além da utilização dos signos alfabéticos, haja vista que os usos de diferentes linguagens multissemióticas estão sendo utilizados na construção de seus textos. Fundamentalmente, observa-se que textos de diferentes culturas estão sendo lidos e postados na internet, acarretando uma verdadeira experiência multiletrada.

Chama muito a atenção, por exemplo, a intensa postagem de textos escritos e imagéticos (multissemióticos) no *story/status* de algumas redes sociais, isto é, mais de 50% deles fazem isso ao menos uma vez por semana. Tanto o número de adeptos, quanto a frequência a qual são feitas essas postagens, representam indicadores de uma prática de leitura e escrita muito intensa e multiletrada. Outra categoria que traz uso de uma frequente linguagem multissemiótica é o utilização de aplicativo de troca de mensagens, ou seja, é bem sabido que além da linguagem textual, tais aplicativos trazem consigo inúmeros signos diferentes os quais eles estão utilizando para se comunicar, somado a isto os aplicativos são também canais de textos provenientes de todo o mundo, ou seja, evidentemente, trata-se de práticas de multiletramentos (Rojo, 2012).

Por fim, este estudo teve o objetivo de trazer à tona uma reflexão sobre vivências de leituras e escritas dos estudantes do ensino médio. A relevância do trabalho está centrada na importância das informações reveladas pela análise dos dados, uma vez que sua elaboração mostrou quais os modos e as frequências que a leitura e a escrita acontecem na vida social de estudantes. Dessa forma, é possível afirmar que a pesquisa obteve resultado primoroso, uma vez que ela é capaz de responder de forma contundente ao questionamento que foi o gérmen do trabalho: “os

jovens leem e escrevem?”. Ao fim do trabalho, mais uma vez, é possível concordar com David Crystal (2013, p.27), quando o autor afirma: “as pessoas reclamam que “os adolescentes não leem”, quando na realidade os adolescentes leem o tempo todo – no telefone celular, no Facebook...”. Somado a isso, é observável por meio da pesquisa que, embora os novos suportes digitais proporcionem uma leitura constante, o uso dos suportes analógicos de leitura e escrita ainda é um hábito entre os jovens.

Ao iniciar esta pesquisa, esperava-se descobrir quais eventos de letramentos os alunos vivenciavam para além do letramento escolar. O trabalho surpreendeu positivamente ao revelar que a leitura e escrita analógicas ainda acontecem fora dos muros da escola. A princípio, acreditava-se encontrar uma menor vivência deste tipo de evento de letramentos na vida social dos alunos, na categoria ler livro físico, por exemplo, encontrou-se um percentual de 40% de leitores, não é um número ideal, mas em um mundo digital não deixa de ser significativo. Quanto aos eventos de letramentos ligados ao suporte digital, a pesquisa confirmou as expectativas de que os jovens estão cada vez mais ligados às tecnologias digitais da informações e comunicações (TDICs) e que, por meio delas, eles vivenciam eventos de letramentos cada vez mais sofisticados, isto é evidenciado por exemplo ao observar o uso em massa da categoria “aplicativos de troca de mensagens” e a utilização consistente das práticas de “escrever comentários em aplicativos de interação online” e “Ler textos na internet”

De todo modo, o ponto forte de toda a pesquisa é percebido quando ela atesta que leitura e escrita são instrumentos presentes na vida social dos estudantes, ao mesmo tempo que evidencia que, em um mundo globalizado, diferentes eventos de letramentos ocorrem de forma simultânea na *vida deles...*

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versa\\_ofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versa_ofinal_site.pdf). Acesso em: 17 novembro 2023.
- CRYSTAL, D. O princípio: entrevista com David Crystal. In: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (Org.). **Linguística da Internet**. 1.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p. 27.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação automática – SIDRA**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/9605#resultado> Acesso em: 23 de fev. 2024
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO, **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2019.
- MALHOTRA, N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- KOTAIT, I. Editoração Científica. São Paulo: Ed. Ática, 1981.
- MARCUSCHI, Antônio Luiz; XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e Gêneros Digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A Questão dos Suportes dos Gêneros Textuais. DLCV- V. 1. N.1**. João Pessoa, 2003.
- MORTATTI, M. D. A "querela dos métodos" de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. **Revista ACOALFA**, p. 91-113, setembro de 2008.
- ROJO, R.; MOURA, E. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- ROJO, R.; MOURA, E. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E.(orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.
- ROJO, Roxane (org.). **Escola conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.
- ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009

SANTAELLA, L. **O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia.** *In:* SIGNORINI, Inês (Org.). (Re) discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. **Revista Pátio**, 2004.